

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO Agência em Lisboa — P. dos Restatutores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Tel. 24. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA
VISADO PELA



Ciosos dos excelsos pergaminhos e das magníficas tradições desta Terra por tantos títulos gloriosa, os vimaranenses — cujo sentir fielmente interpretamos — saúdam calorosamente todos quantos nas horas festivas das Gualterianas lhes dão a honra da sua visita. Sejam bem vindos!



FÁBRICA
DE
FIAÇÃO E TECIDOS
DO
ARQUINHO
DE
António J. P. de Lima

FUNDADA EM 1913

GUIMARÃIS

Telefone, 12

Fábricas e Armazém de Tecidos de Algodão

e

Fábrica de Móveis e Serração

de

Alberto Pimenta Machado

Rua de Paio Galvão

Rua de Gil Vicente

TELEFONES { Armazém, 59
Escritório, 110
Residência Particular, 87

FILIAL

Vendas a Retalho - Colossal Sortido em Casimiras e inúmeros Artigos para Homem e Senhora

RUA DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE, 180

— GUIMARÃIS —

Fábrica
de
Tecidos
do
Rio

Fábrica
de
Malhas
e
Armazém
de
Fazendas
Branças

de _____

António Pimenta

48, Rua de Santo António, 66

TELEFONE, 220

GUIMARÃIS.

António
José
Lopes
Correia,
Filhos

Fábrica de Tecidos
PEVIDÉM

Telefone 13
(Rêde de Guimarães)

Empresa Industrial Sampedro, L.^{da}

LORDELO - GUIMARÃIS

Fábrica de Tecidos de Linho e de Algodão

Grande Prémio de Honra na

Exposição Industrial Portuguesa de 1932

Diploma de Honra na

Exposição Colonial Portuguesa de 1934

Especializada no fabrico de linhos finos

ESCRITÓRIO NO PORTO:
R. dos Clérigos, n.º 44-1.º

TELEFONE 2441

GUIMARÃIS

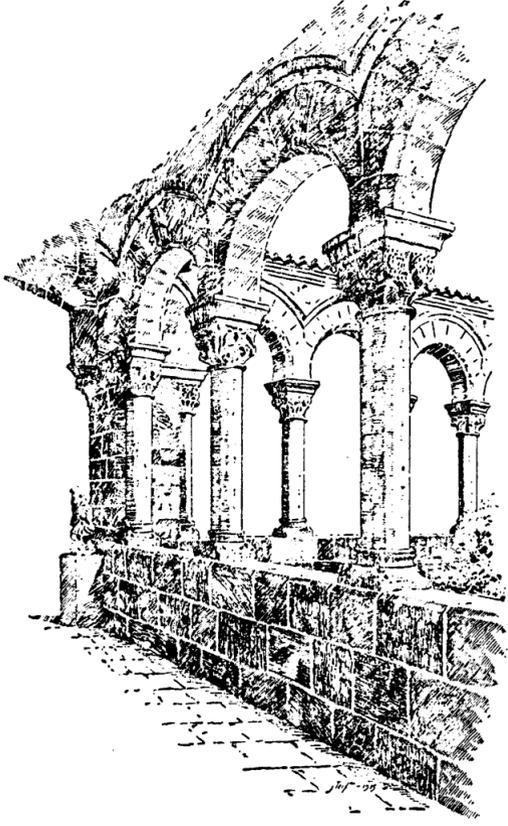
Tomamos, na estação da Boavista, no Pôrto, o combóio da linha da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal — do Pôrto a Guimarães.

A viagem oferece-nos duas fases distintas: do Pôrto até a Trofa; da Trofa até Guimarães.

A primeira não tem interesse algum — de monótona que é; a segunda caracteriza-a a mais formosa paisagem: é a travessia dum bosque, com suas sombras quietas, seu rio suave, seus montes, seus pinheirais.

Passamos Vizela, e atravessamos, então, campos de milho bordados de vinhedos.

E de repente, oferece-se à vista enamorada do viajante,



A Arte em Guimarães — O claustro românico da Colegiada de Guimarães — hoje anexo ao Museu Regional de Alberto Sampaio — acompanhou, depois de 1235, a construção da igreja românica de Santa Maria de Guimarães. É hoje o mais antigo dos claustros existentes em Portugal. — A. G.

aberta em leque, a cidade de Guimarães, a vila de Guimarães, como é chamada nas crônicas e nos pergaminhos, que passou a ser cidade depois da Carta Régia de 22 de Junho de 1853.

No centro do leque, o casario acumulado, apinhado, com seu telhado escurecido pelo tempo, semeado de tôrres de igrejas — seculares igrejas, afirmações objectivas da fé permanente dum povo.

Na periferia, ao cimo, destaca-se a mancha ennegrecida do Castelo, símbolo da audácia e do domínio. Dispersas, aqui, ali, chaminés altas de fábricas. De pé, sobre o casario, os Paços do Duque de Bragança.

Guimarães!

Porque não é indiscutivelmente autêntico, certo documento que se coloca no ano de 840 da era de Cristo, e onde se dá Guimarães como local de reunião de pretensas Côrtes, tem-se como mais provável que nos meados do século X, uma fidalga, Mumadona, filha dum Diogo e duma Oneca, e mulher dum Hermegildo ou Hermenegildo Mendez, fundou na sua quinta ou herdade de Vimaranes, um mosteiro, talvez duples, para onde se retirou, depois de viúva.

O mosteiro, naturalmente, provocou a edificação de casas à sua volta, que viviam dêle e à sua sombra. O que antes era simples quinta ou herdade passou a ser povoação.

Como os Normandos andassem a fazer das suas por terras da Galiza, matando, e incendiando, e devastando, chegaram ao mosteiro de Guimarães, boatos de uma possível investida. Para defender a sua obra, Mumadona mandou erguer em monte sobranceiro e próximo, chamado Monte largo, um castelo. Os Normandos não chegaram lá. Mas o castelo permaneceu — atalaia vigilante, defesa eficaz da nova povoação.

Se à volta do mosteiro se fizeram casas e multiplicaram as famílias, o fenómeno repetiu-se em relação ao castelo. E Guimarães ficou formado por dois grupos populacionais: o que tinha por centro o mosteiro; e o que tinha por elemento de atracção o castelo. Esta dualidade manteve-se até D. João I. Reconhecida e alimentada pelos Reis da primeira dinastia, favorecida em factos occorrentes, origem ela mesma de novas razões da sua existência, essa dualidade, fruto natural da coexistência do castelo e do mosteiro, embarçava a vida administrativa do novo burgo. E D. João I andou muito bem em fazer das duas povoações de Guimarães, uma povoação única.

Não se sabe bem porque o Conde D. Henrique veio parar a Guimarães. Sabe-se que lá viveu.

E' tradição, sem que fundamento documental algum justifique a mais leve certeza, que D. Afonso Henriques nasceu em Guimarães! Todos os esforços dos historiadores no sentido de se averiguar o local do nascimento do fundador da nacionalidade portuguesa, têm sido baldados. Como não há também a certeza do ano do seu nascimento, os pormenores dêste andam envoltos em sombras espessas.

Tivesse ou não tivesse nascido em Guimarães, foi aqui que êle se criou, ou se desenvolveu, porque foi nas terras vimaranenses, nos campos de S. Mamede, perto do castelo, ou longe do castelo, que êle, na memorável batalha de S. Mamede (24 de Junho, 1128), resolveu a crise política que a presença do conde galego Fernão Peres no castelo de Guimarães, e na vida da rainha D. Tereza, abria e agravava.

Foi em terras vimaranenses — terras sagradas para todos os portugueses, que D. Afonso Henriques, desbaratando os partidários de Fernão Peres, proclamou e firmou a independência do novo Estado.

O castelo que hoje vemos não é o que Mumadona fundou. Nem sabemos como êste fôsse, nem conhecemos por miúdos, as vicissitudes por que passou.

O castelo que hoje temos deve ser o resultante de acções acumuladas — desde Mumadona, sua fundadora, até o Rei D. Fernando.

E' apoiado nestes dois fundamentos, o Mosteiro, tradução da Fé, e o Castelo, símbolo da Força, que Guimarães se edifica, se desenvolve, se prestigia, e marca definitivamente a sua entrada na História. Ela é o produto do esforço combinado da Cruz e da Espada. Ela é o exemplo vivo do que pode a aliança do Espiritual e do Temporal.

Porque se Mumadona, riquíssima fidalga, construiu o Mosteiro, para serviço directo de Deus e mandou erguer o Castelo para defesa do Mosteiro, o Rei D. Afonso Henriques, ao mesmo tempo que privilegiava os moradores do Castelo, protegia, dignificava e elevava à categoria máxima de Colegiada, o que fôra primitivamente o Mosteiro de Santa Maria.

Côrte dos nossos primeiros reis (são inúmeros os documentos que afirmam a estada dos Reis da primeira dinastia em Guimarães), amimada por êles, nos privilégios que concedem aos seus moradores, e no poder jurisdiccional que conseguem obter para a Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Guimarães é um foco permanente de actividade — de tôdas as actividades, desde as que garantem o pão nosso de cada dia, às actividades que servem o Espírito. Foco de lavradores que tratam e amamham a terra, e conquistam às silvas e ao mato, o que é indispensável à cultura do pão e do centeio, do linho e do pasto; foco de servos de Deus, que na oração ou na penitência, na acção missionária ou educativa, conquistam para Deus almas e corações; foco de artífices que na oficina malham o ferro, batem o ouro, temperam o aço ou trabalham o chifre; foco de mercadores que exibem suas tendas bem fornecidas; foco até de navegantes e soldados que nas naus da conquista e nas refregas da África e da Índia afirmam o seu brio e a sua audácia; foco de poetas e eruditos que deixam sementes na história literária e científica do País, seus nomes fulgurantes, — Guimarães é, sem favor, dentre as terras da província, uma das que mais justificadamente podem orgulhar-se da sua vida.

Não sei se S. Dâmaso, pontífice de fama, é vimaranense. Mas foi-o Agostinho Barbosa que encheu a Roma erudita do seu tempo, com as luzes do seu saber; foi-o o teólogo Paio Galvão, teólogo de renome; foi-o Fr. Rafael de Jesus, o continuador da *Monarquia Lusitana*; foi-o Vilas-Boas Sampaio, o da *Nobiliarquia Portuguesa*; e Fr. Estêvam de Sampaio, teólogo eminente.

Não sei, ninguém sabe se Gil Vicente, o dos *Autos*, e da custódia de Belém, é vimaranense; é-o, porém, Manuel Barbosa, juriconsulto da mais alta nomeada; é-o Fr. Manuel de S. Dâmaso, erudito do maior relêvo; e Manuel Tomás, o poeta da *Fénix da Lusitânia* e da *Insulana*; e João Gonçalves, o *Engenhoso*; e Mem Anes, o serralleiro mais afamado de Portugal, no tempo de D. Diniz; e João de Guimarães, o Alfageme de Santarém; e Fr. João Apocalipse, investigador proficiente.

E' de Guimarães, Francisco Martins Sarmiento, o reconstruidor da Citânia de Briteiros, o intérprete sagaz da *Ora Martima*, um dos primeiros arqueólogos de todos os tempos; é-o Alberto Sampaio, historiador notável; é-o o Abade Tágilde, nome que jamais se apagará na Historiografia de Portugal.

Podia alongar a lista das figuras de relêvo naturais de Guimarães — que o material é abundante.

Só na excelente *Biblioteca Lusitana* há, estudados, 45 nomes notáveis nas letras. Isto nos serve de base de juízo sintético — se pensarmos nas outras manifestações da actividade vimaranense.

Guimarães pertencia, desde o seu início, ao Rei de Portugal. Quando D. Afonso, Conde de Barcelos, casou, seu pai, o Rei D. João I, deu-lhe como penhor da parte do dote que ficava por pagar, as terras de Guimarães.

Antes de 7 de Março de 1464, D. Afonso V dá a D. Fernando, 3.º Duque de Bragança, a vila de Guimarães, que eleva à categoria de Condado, antes de 10 de Fevereiro de 1465, pois que nesta mesma data chama ao mesmo D. Fernando «conde de Guimarães».

Em 12 de Julho de 1470, já D. Fernando era denominado por el-Rei, Duque de Guimarães.

Quando em 18 de Julho de 1475, D. Afonso V deu ao filho do Duque D. Fernando, a vila de Guimarães, para depois da morte do pai, a vila protestou, alegando que «sempre fora realenga e nunca fora dada a alguma pessoa». O Rei reconsiderou, e decidiu que só pudesse ser dada ao filho primogénito legítimo do Rei.

A decisão ficou sem efeito — e Guimarães continuou a ser dos duques de Bragança para feitos do título, como se vê da Carta de Doação de 4 de Junho de 1638 que concede ao Duque de Bragança o título de Duque de Guimarães, «ficando o senhorio, jurisdição e mais direitos da dita vila para a Coroa no estado em que hoje está sem innovar nem alterar nesta parte cousa alguma».

Desta ligação da vila com os Duques de Bragança, saíu o majestoso edifício dos Paços dos Duques de Bragança que os primeiros edificaram no século XV, e onde habitaram por largas temporadas, principalmente a duquesa D. Constança de Noronha que nunca mais os deixou, depois de viúva.

Tudo isto não privou Guimarães de ser bem querida dos Reis de Portugal. Se anteriormente aos Duques de Bragança possuía regalias, desde o Foral que o Conde D. Henrique lhe concedeu em época difícil de fixar, até às muitas provisões e Cartas Régias a acrescentá-las, já depois de ser ducado, teve o foral de D. Manuel, de 20 de Novembro de 1517, verdadeira Magna Carta dos privilégios de Guimarães.

Residência fixa ou eventual dos Reis, foi a vila de Guimarães sede de Côrtes, tendo-se reunido nela, as Côrtes de entre 1095 e 1108, as de 1250, as de 1256, as de 1288 e as de 1401.

Com a transformação das condições do País, o papel político de Guimarães passou para plano secundário, e a importância da vila limitou-se à sua actividade espiritual no campo da inteligência e do sentimento, e à sua actividade material — no campo da lavoura e da Indústria.

E' então que a vemos orgulhar-se de possuir uma espécie de Universidade — no Colégio da Costa, onde se professam Humanidades, sob a direcção de Diogo de Murça, e Teologia, e Escritura Sagrada.

Foram professores na Costa, Margalho, Caiado, Marcos Romeu. A fama dos seus professores foi tanta, que Clenardo, atraído por ela, esteve em Guimarães a ouvir as lições de grego e hebraico que na Costa se ensinavam.

No Colégio da Costa fizeram a sua educação os senhores D. Duarte, filho bastardo de D. João III, e D. António, filho bastardo de D. Luís — mais tarde, o célebre D. António, Prior do Crato.

No século XVIII, floresceu em Guimarães, uma Academia literária, ninho de engenheiros que não ficou a dever nada às congêneres do seu tempo.

Para não deixar esmorecer as suas tradições culturais, Guimarães tem hoje três intuições notáveis que merecem ser conhecidas e amadas:

a) a Sociedade de Martins Sarmiento; b) o Museu de Alberto Sampaio; c) o Arquivo Municipal de Guimarães.

A Sociedade de Martins Sarmiento, instituição de iniciativa particular, foi fundada por um grupo de amigos pessoais e admiradores de Martins Sarmiento, com o fim de propagar a instrução no concelho de Guimarães, adoptando, como instrumentos dêsse fim, a Biblioteca facultada a tôda a gente, e escolas.

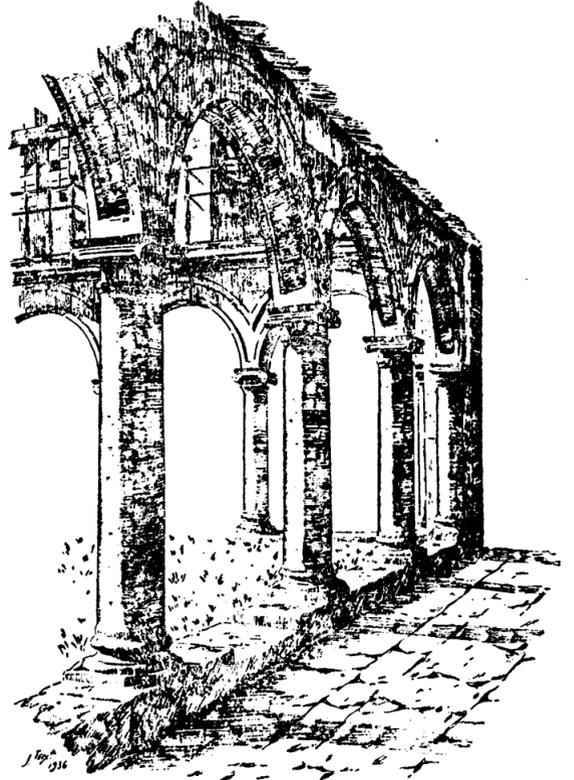
A actividade científica de Sarmiento criou, ao lado da Biblioteca, um Museu de Arqueologia e Etnografia. Mercê de circunstâncias várias, as escolas desapareceram, mas a Biblioteca e o Museu permaneceram, acarinhados por gerações sucessivas de trabalhadores, em que sobressaíram Alberto Sampaio, o Abade de Tágilde, Albano Belino, Domingos Leite de Castro, Avelino da Silva Guimarães, e, entre os últimos, João de Meira, Eduardo de Almeida, João Lopes de Faria.

Sob a direcção do sr. capitão Mário Cardoso, a Sociedade de Martins Sarmiento tem intensificado a sua acção, não só pelo que respeita à exploração da Citânia de Briteiros, mas também pelo que se refere à valorização do seu Museu Arqueológico, dentro do que publicou o Catálogo das inscrições e das esculturas, organizado pelo seu director. Deve-se ainda a êste a realização duma consagração condigna da memória de Martins Sarmiento — pela publicação dum *In Memoriam*, colectânea de trabalhos eruditos notáveis e dos *Dispersos* de Martins Sarmiento, feixe de todos os trabalhos do sábio que andavam perdidos em revistas e jornais.

A Sociedade de Martins Sarmiento mantém, há quarenta e seis anos, a *Revista de Guimarães*, publicação de natureza histórica, arqueológica, folclórica e literária.

O Museu de Alberto Sampaio é uma das grandes jóias de Guimarães. Instalado no claustro da antiga Colegiada, restaurado e adaptado convenientemente ao seu novo fim, dirige-o, com proficiência rara, um estudioso de Arqueologia artística de indiscutível valor, — o sr. Alfredo Guimarães. Tendo como núcleo central, o tesouro da Colegiada, o Museu de Alberto Sampaio enriquece dia a dia, graças ao amor e à dedicação do seu excelente director, e ao amparo dos Amigos do Museu.

O Arquivo Municipal de Guimarães, de criação recente (21 de Novembro de 1931) encontra-se no edifício que, durante séculos, foi a sede da Câmara Municipal — edifício que,



A Arte em Guimarães — O claustro clássico do Mosteiro dos Jerónimos, de Santa Marinha da Costa, foi construído pelo mestre de pedraria Pedro Alonso de Amorim, residente na rua da Caldeira, em Guimarães, na segunda metade do século XVI. Ainda existe e está magnificamente conservado. A obra de entalhador dos forros interiores do mesmo claustro eram obra do entalhador de Guimarães Adão Francisco. Esses, porém, desapareceram. — A. G.

a-pesar-das deformações por que tem passado desde a sua construção sob o reinado de D. Manuel, tem ainda interesse exterior.

O fundo principal do Arquivo Municipal é formado pelo Arquivo da Colegiada, isto é, pelo que escapou ao apetite do Estado, em 1863, quando levou para a Torre do Tombo quatro mil e duzentos documentos.

A-pesar dessa amputação dolorosa, o Arquivo da Colegiada ainda pôde fornecer ao Arquivo Municipal, para constituir o seu fundo essencial, perto de 1.100 códices, 163 maços, 132.600 documentos e 1.550 pergaminhos! Ou sejam 153.440 espécies!

Estão, hoje, incorporados no Arquivo Municipal, por fôr-

NOTÍCIA RESUMIDA

das ruínas arqueológicas da Citânia e Sabroso

O que é a Citânia de Britões? — É a ruína de uma povoação primitiva abandonada, onde há mais de 2000 anos, habitava um povo da raça que dominava nesta região, e da qual os portugueses de hoje terão herdado algumas características étnicas. Os nossos montes, especialmente no Norte do País, e também na Galiza confinante, estão coroados de ruínas semelhantes, conhecidas, em geral, pela designação de castros, cidades ou citânias. O povo julga estes lugares antigas cida-

des de nossos mouros, architectando lendas de tesouros escondidos e encantamentos, porque, sendo realmente os mouros o último povo que invadiu e se fixou no País durante séculos, é deles que a lembrança, conservada pela tradição, não está ainda de todo apagada. Mas as citânias são bem mais antigas que os árabes na Península Hispânica, onde só chegaram pelo começo do século VIII, quando tais povoações já estavam há muito abandonadas.

Onde fica situada a Citânia? — No Monte de S. Romão, a 336 metros de altitude, freguesia do Salvador de Britões, a 15 quilómetros de Guimarães.

Desde quando são conhecidas as ruínas da Citânia? — Desde o meado do século XVI que nos nossos escritores há referências à Citânia. Porém, o verdadeiro conhecimento desta estação arqueológica e o estudo sistemático e interpretação de tais povoados deve-se aos notáveis trabalhos de exploração, iniciado em 1785, pelo Arqueólogo vi-



Citânia de Britões

esses povos escolhiam naturalmente os lugares altos, facilmente acessíveis, defendidos ainda por longas cinturadas de muralhas, sob a protecção das quais resistiam tenazmente, e onde se acolhiam também as populações dispersas pelos vales, fugindo com as suas riquezas, os seus rebanhos, etc., na frente de uma invasão inimiga ou ataque das tribus vizinhas.

Qual foi a causa do despovoamento da Citânia? — A invasão dos Romanos que, a pouco e pouco, venceram todos estes povos, os obrigaram a abandonar os altos e lhes destruíram os meios de defesa, impondo-lhes, ao mesmo tempo, os benefícios de uma civilização florescente. Tal como, em nossos dias, procedemos com as populações que estão sob a nossa colonização. Os séculos se encarregaram, depois, de derruir e apagar lentamente o que ainda ficou em pé.

Em que época deixou de ser habitada a Citânia? — Talvez há 1600 anos,

ca de lei, os Arquivos Notariais e o Arquivo Camarário; em via de incorporação, o Arquivo Judicial; e espera-se a incorporação dos Arquivos Paroquiais.

Dirige-o um Conservador da Torre do Tombo. Publica, desde a sua fundação, o *Boletim de trabalhos históricos* — edição exclusiva de documentos históricos.

Da sua actividade económica, manifestada principalmente através do seu labor agrícola e industrial, dizem, em síntese, as duas grandes Exposições: a industrial e comercial de 1884, e a industrial e agrícola de 1923.

Isto para não falar na toponímia local que através dos tempos afirma as múltiplas notas da actividade mesteiral.

Todo o concelho tem focos industriais: Pevidém, com fábricas de tecelagem; Sande, com os seus garfeiros; Creixomil, com a sua população cutileira...

Todo êle, na sua vasta extensão, é um foco de labor agrícola: o milho, o centeio, o feijão, o vinho, são de produção permanente e intensiva.

A indústria mecânica, em Guimarães, como em toda a parte, prejudicou a indústria manual, preferível, sob todos os aspectos, à primeira. E está a atacar grandemente os interesses da Agricultura, arrancando braços que são indispensáveis ao campo. Não falo já dos inconvenientes de natureza moral que tal desenvolvimento mecânico acarreta.

E' um factor social, vindo de fora, contra que nada podem, nem os protestos, nem os impedimentos.

Ainda sou do tempo em que em certos bairros periféricos de Guimarães todo o dia se ouvia o matraquear dos teares, através do qual passavam, em linhas doces, os fios de vozes das tecedeiras. Hoje, há os silvos das fábricas que ferem os nossos ouvidos. Só nalgum casinhoto distante, perdido entre árvores altas e espessas, é possível, hoje, encontrar coisa igual!

A brutalidade inconsciente da máquina conquista a delicadeza inteligente dos dedos. O individual é esmagado pelo serial.

Alguns números para se fazer idéia do que é a actividade industrial de Guimarães.

A' frente — a indústria algodoeira: dez grandes fábricas de fição; cento e quatro de tecidos — trinta e duas mecânicas, e setenta e duas de serviço manual; população máxima, quinze mil pessoas.

Depois, a cutileira: cento e sessenta oficinas.

E seguem-se: mais de cem oficinas de sapataria; trinta e oito fábricas de curtição; dezasseis oficinas de pentieiros; trinta e seis oficinas de serralharia; duas fábricas de fundição de ferro; seis oficinas de tanoaria e duas fábricas de tecidos de malha.

Se computarmos em 55 mil, o número de habitantes do concelho, observaremos que a população de Guimarães é, de facto, uma população caracterizadamente trabalhadora: 30 mil operários; 15 mil agricultores; restam-nos uns escassos 10 mil homens para o comércio, para as profissões chamadas liberais, para os proprietários e capitalistas, para o funcionalismo público — e para a mendicidade, que é grande o contingente dos velhos, estropiados e doentes.

Alfredo Pimenta.
Director do Arquivo Municipal de Guimarães.

pois que na Citânia, entre várias moedas romanas, apparecem, ainda, uma do Imperador Constantino Magno, que reinou no começo do século IV da nossa era.

A que ramo pertencia o povo que habitou a Citânia? — Não estão definidas com precisão as características antropológicas e etnológicas dos povos que, nesses tempos remotos, habitavam a Península Hispânica. Pelas descrições dos autores antigos sabe-se que tais povos, de índole rebelde, resistiram sempre à influencia assimiladora dos diversos invasores, que muitas vezes irromperam e se espalharam no país. Eram agregados de familias, constituindo tribus sob o dominio de um chefe, formadas por homens de baixa estatura, morenos, ágeis, fortes, guerreiros e frugais, bebendo habitualmente apenas a água das fontes, dormindo no chão, sobre umas palhas, usando cabelos compridos. Estes homens, selvagens e belos na sua força e na simplicidade do seu viver, representam para nós, os portugueses de hoje, como que as radículas profundas do tronco étnico da nossa antiquíssima árvore genealógica.

Em que se ocupavam estes povos? — Especialmente na vida pastoril, mas conheciam e praticavam a agricultura, e dedicavam-se ao exercício das indústrias mais essenciais à vida, como o fabrico de armas, instrumentos de trabalho, louças de barro grosseiro, tecidos, etc. No Museu da Sociedade Martins Sarmento, que é o segundo Museu Arqueológico de Portugal, e que nenhum português culto deve deixar de visitar e observar com interesse, encontram-se coleccionados muitos objectos curiosos, recolhidos por Martins Sarmento na Citânia (reveladores do trabalho e da arte dos seus habitantes ou do comércio com povos estranhos), tais como: em pedra — mós manuais, machados primitivos, bebedouros para animais, esculturas, inscrições, etc.; em barro — telhas, pesos de tear, volantes de fuso (cossoiros), vasilhas de variadíssimas formas, etc.; em vidro — taças, contas de colar, etc.; em metal — braceletes, anéis, contas de coral, fíbula, alfinetes de toucado, moedas romanas, etc.

Como se vestia este povo? — Da lã grosseira dos rebanhos fabricava a principal peça do vestuário, que era um manto ou capa, de cor escura, a que os romanos chamavam *sagum*. As mulheres usavam paños de cores garridas. Teciam também o linho e o esparto, bem como aproveitavam em certas peças do vestuário as peles dos animais. Como adorno usavam argolas de cobre ou bronze, especialmente ao pescoço (*torques*) e nos pulsos (*armillas*). A cabeça andava, geralmente, descoberta e os pés descalços. Os guerreiros usavam por vezes capacetes de couro, cobre ou ferro. As armas principais consistiam de um pequeno escudo redondo, uma espada curta e de fôlha larga e a lança de arremesso.

Como se alimentava? — Da carne dos rebanhos e da caça, do leite, dos produtos da sua agricultura, e particularmente de um pão grosseiro fabricado com gandes de carvalho torradas e depois moídas.

Que religião tinha o povo da Citânia? — A religião adoptada era a Fisiolatria, isto é, o culto dos agentes naturais, como o Sol, a Água, a Terra, etc., encarnados em deuses como Bormânico, Eudóvelico e muitos outros de que nos chegou noticia, pelas inscrições votivas. Praticavam também a Necrolatria, ou culto dos mortos. Adoravam os deuses guerreiros, como Ares, junto dos quais sacrificavam animais e homens aprisionados no combate. Com a inva-

ção romana adoptaram várias divindades e cultos do Panteão deste povo.

Quantos fogos tinha a Citânia? — Sarmento pôs a descoberto para cima de 200 casas, mas o seu número devia ultrapassar o dobro.

Qual a forma e processo de construção das casas? — A maioria das casas dos nossos castros são redondas, com o diâmetro aproximado de 5 metros; muitas são também quadrilongas, e raras oblongas. As paredes têm 40 a 50 cm. de espessura e compõem-se de duas fôlhas, sem pedras de travamento e ligadas só com terra argamassada. O pavimento interior era barro batido ou, raras vezes, ladrilho. A cobertura seria provavelmente de palha, ou armação de fachaagem coberta de barro. O teto, principalmente nas casas redondas, era suportado por um esqueleto central, de madeira, firmado numa pedra ao nível do solo. As portas eram baixas, com cerca de 1m,60 de altura por um metro de largo. Parece que eram raras as casas com janelas.

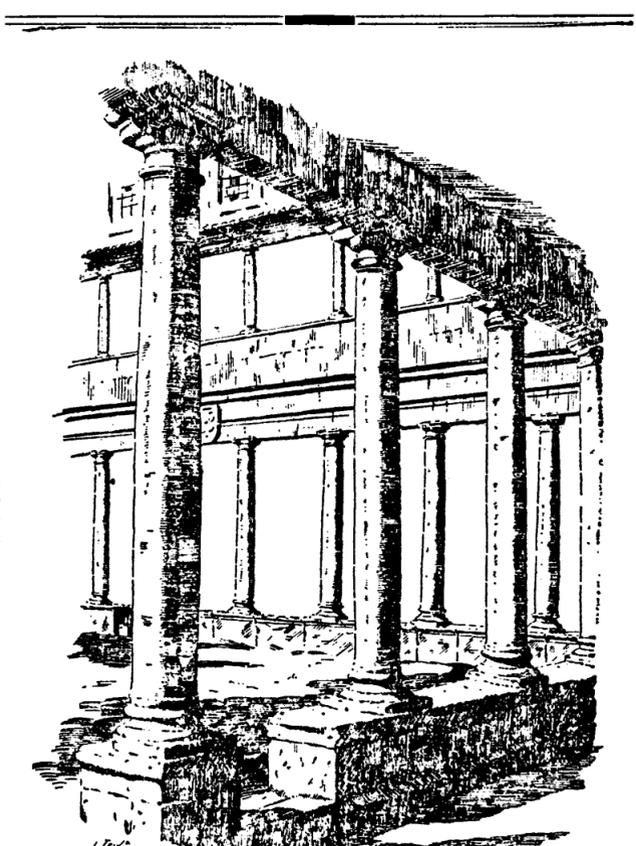
Que área abrangia o povoado da Citânia? — Um planalto de cerca de 250 metros de comprimento por 150 de largo. Porém, os três círculos sucessivos de muralhas que defendiam a povoação fechavam uma área muito mais extensa. A muralha exterior abrange cerca de 700 metros no sentido N-S e 500 metros no sentido E-O. Estes muros tinham aproximadamente 2 metros de espessura por 4 a 5 de altura, completando-se o sistema defensivo com fossos abertos junto deles.

Quais são as edificações que na Citânia mais prendem a nossa atenção? — São as seguintes: A fonte, à entrada da povoação; a caleira que conduzia a água a essa fonte, hoje secca; uma casa redonda com bancos de pedra no interior, a toda a volta; a maior construção do povoado, com 5 divisões, facto excepcional, pois quasi todas as casas constam de um recinto unico, algumas vezes com um pequeno vestíbulo anexo; a casa redonda que maior diâmetro apresenta, cerca de 8 metros; uma casa com o sistema de construção em fadas regulares das pedras, dispostas em hélice, sistema que os romanos classificaram de *opus reticulatum* (aparelho em forma de rede); duas casas reconstruidas por Martins Sarmento; uma casa contendo no interior uma cova (cisterna?); as muralhas reconstruidas, especialmente do lado norte; e um interessantissimo monumento funerário, descoberto em Setembro de 1930, na occasião da abertura da estrada para o cimo do monte.

A capela que se encontra no alto do monte é relativamente recente; primitiva ermita, do século X ou XI, estava no local onde hoje se encontra um cruzeiro; algumas campas, junto a este cruzeiro, atestam a existência de um cemitério cristão, certamente contemporâneo do pequeno templo, quando a Citânia já de há muito estava despovoada.

Em que difere essencialmente o castro de Sabroso, da Citânia de Britões? — Sabroso parece ter sido um povoado anterior à Citânia de Britões, ou, pelo menos, abandonado anteriormente a esta. Não appareceram alli vestígios da influencia romana, tal como a telha de rebordo, etc. E' muito mais pequeno que a Citânia. Tem apenas um unico circuito de muralhas, porém estas em óptimo estado de conservação. O espólio de Sabroso encontra-se, como o da Citânia, no Museu da Sociedade Martins Sarmento.

Mário Cardoso.
Presidente da Sociedade Martins Sarmento.



A Arte em Guimarães — Em 9 de Setembro de 1591, na nota de António Frago, Gonçalo Lopes, mestre de pedraria morador na rua da Caldeirã, em Guimarães, contrata com o fidalgo Gonçalo Dias de Carvalho a construção do claustro clássico do convento de S. Francisco de Guimarães, ainda actualmente existente — A. Q.

Guimarães Monumental

Nas pesquisas a que se tem dedicado o director do Museu Regional de Alberto Sampaio, foi-lhe possível conhecer, dentro do termo do concelho de Guimarães, notáveis e já numerosos documentos lapidares, em calcário e granito, relativos à arte visigótica, dilatando-se assim para época muito mais remota as noticias históricas da construção cristã, que até há pouco se iniciavam aqui, segundo era dito, «com um forte documento bisantino», do século X, visível na parede nascente do claustro do mesmo Museu.

Documentos visigóticos são aquê-



Paço dos Duques de Bragança

Guimarães, mandada erigir, no primeiro quartel do século XV, pelo veedor da fazenda de D. João I e instituidor do Morgado de Cezins, Alvaro Gonçalves de Freitas — raiz heráldica dos «Freitas» de Guimarães.

Do gótico flamejante: o Padrão do Largo da Oliveira, construído para memória da Batalha do Salado; a igreja de Nossa Senhora da Oliveira (Colegiada de Guimarães) edificada para comemorar a Batalha de Aljubarrota, segundo o voto de D. João I; o claustro do convento de S. Domingos, que nos parece dever ser uma obra ainda dos fins do século XIV;



Arquivo Municipal

les que o mesmo funcionário público trouxe, para o referido Museu, das freguesias de Arosa (um ábaco), de Brito (uma pia baptismal) e da Penha (um capitel), o primeiro e o segundo com directa filiação nos ornatos visigóticos de S. Pedro de la Nave, S. Juan de los Baños, Palencia e a coleção lapidária do Museu de Mérida, e o último, já de evidente documentação evolutiva, a demarcar o período da transição. Estas adoráveis pedras servem para provar que antes da construção religiosa de Mumadona, em Guimarães, no século X, já no território hoje considerado vimarense existiam construções cristãs e, como se vê, de considerável merecimento artístico. Assim a história da arquitectura religiosa neste concelho recua pelo menos, do século X, como se dizia, para o século VII, como fica provado.

A obra do século X a que acima nos referimos, e consiste na portada e janelas adjacentes da Sala Capitular da primitiva construção beneditina de Mumadona — hoje no claustro do Museu Regional de Alberto Sampaio — pode considerar-se, nas suas linhas gerais, como trabalho de carácter asturiano ou neo-visigótico, ou, se assim o quiserem escritores menos exigentes em pontos de observação, de obra de sistema latino-bisantino. Desta mesma época recolheu o funcionário do Museu citado, um capitel de caracter clássico, mais visigodo do que romano, que representa a interpretação de um modelo corintio pelos lavristas peninsulares, sobretudo os de ascendência artística asturiana.

Tal capitel pertenceu ao antigo e desaparecido claustro do mosteiro de S. Torcato — sendo este, por isso, o momento azado para perguntar:

— Mas ao mosteiro mandado edificar pela rainha Dona Mafalda, no século XII, para a Congregação dos Regulares de Santo Agostinho, ou a alguma outra edificação religiosa, anterior a esta, e possivelmente levantada no século X?

Somos, há muito, de opinião que os actuais restos artísticos do edificio medieval de S. Torcato não representam apenas elementos da construção malfadada do século XII, mas também adaptações de uma construção do século X... se não, ainda, de alguma outra bastante anterior... A S. Torcato, decorativamente, quasi que podíamos chamar um *catálogo* medieval. Nesta mesma ordem de ideias, chamamos a atenção dos estudiosos para o carácter pré-românico de certas ornamentações do edificio, e de comum para o caso do capitel a que há pouco nos referimos.

Dentro do estilo românico — que, tudo leva a supor, floresceu dentro do concelho de Guimarães logo aos fins do século XI — temos os seguintes documentos: S. Torcato, Salvador do Souto, o Castelo de Guimarães, Pentieiros, Pinheiro, S. Miguel do Castelo, Taboadelo, S. Martinho de Cando e esse excepcional claustro românico da extinta Colegiada de Guimarães — obra do século XIII, hoje anexada ao Museu Regional de Alberto Sampaio — que sendo o mais antigo dos actuais claustros portugueses só encontra termos de comparação em dois outros claustros peninsulares, ou seja, pelas linhas gerais, com o claustro do mosteiro de Cardena, que é obra do século X, e em quasi perfeita reprodução com o claustro românico, do século XII, da Catedral de Seo de Urgel, em Lérida.

Como em quasi toda a obra architectónica medieval, existem nesta, do claustro da extinta Colegiada de Guimarães, várias espécies de recorrimtos decorativos, tais como, por exemplo, a do motivo europeu, do período catolínico, designado pela «trança», que ornamenta alguns dos seus capiteis.

O ciclo da arquitectura gótica, em Guimarães, envolve os séculos XIV e XV.

Citamos as suas obras pela ordem cronológica dos estilos. Do gótico primário: a igreja dos frades de S. Domingos, edificação do reinado de D. Pedro I, e, ao que se diz, das simpatias e generosidades do Arcebispo de Braga, D. Lourenço; e a capela dedicada a S. Braz, anexa ao claustro da extinta Colegiada de

e também, dêsse estilo e realizadas na primeira metade do século XV, as duas obras máximas do concelho: a portada, capela-mór e adjacentes da igreja do convento de S. Francisco, em parte da piedade da primeira Duquesa de Bragança, Dona Constança de Noronha, e essa maravilha da construção civil, no estilo gótico-normando, que são os monumentos Paços dos Duques de Bragança e Guimarães. Os Paços dos Duques — que a Vontade serena e forte de Salazar resolveu fazer reanimar de uma agonia lenta e vergonhosa de três séculos, e por cuja benemérita resolução Deus o cubra de infinita glória — são, entre nós, o edificio público de mais alta originalidade e grandeza.

Pouco interessa falar, sob o ponto de vista architectónico, do período manuelino em Guimarães, pois apenas nos deu a torre da igreja de Oliveira, uma torre senhorial ao alto da rua da Rainha D. Maria II, uma morada no largo da Tulha e um arco-sólio exposto nos jardins do Museu Regional de Alberto Sampaio.

Da Renascença tivemos três optimos edificios religiosos, mas todos êles se encontram, ao presente, mutilados. Da igreja da Misericórdia, em arquitectura da Renascença-flamenga, resta apenas a fachada, e das igrejas de S. Dâmaso e de Santa Marinha da Costa só podemos admirar agora as abobadas das respectivas capelasmores. O edificio civil dos Carvalhos, ao fundo norte do largo de João Franco, é, igualmente, uma peça mista da Renascença e do Baroco...

Mas o período da Renovação Clássica, ou do portuguesissimo Baroco, que entra em Guimarães no último quartel do século XVI e acompanha a construção religiosa e civil da cidade até aos principios do século XIX, representando-se pela maioria das edificações vimarenenses dêsse longo número de anos — êsse deus-nos admiráveis exemplares, bastando para o lembrar a série formosissima dos seus claustros. No frontespicio, claustro, escadaria principal e na varanda freijeromianina, do Mosteiro da Costa; na Casa das Hortas, dos Felgueiras; na Casa dos Marqueses de Lindoso; no Claustro do Convento dos Capuchos; no claustro do Convento de Santa Clara; na Casa dos Condes de Azenha, dos Almadas; na Casa dos Navarros, ao largo das Lameelas; na Casa dos Coutos, à rua da Rainha D. Maria II; no edificio da Casa do Despacho da Misericórdia; na Casa do Guardal, dos Freitas do Amaral; no claustro do Convento de S. Francisco; e em vários outros edificios particulares das ruas de D. João I, de Camões, da Caldeirã, da rua Escuro, de Val-de-Donas, de Santa Maria, do Campo da Feira, etc. — em todas essas obras tem Guimarães, à semelhança do seu românico e do seu gótico, razões de orgulho nacional e motivos para uma obra de conservação que justamente lhe mantenha o título de cidade dedicada à cultura das ciências e das artes.

O estilo muito justamente chamado entre os portugueses «de D. João V» tem graciosa representação, em Guimarães, na Casa de Caneiros, no Palácio dos Condes de Arrochela, na Casa dos Fidalgos do Toural e na portaria, encantadora, do extinto Convento do Carmo.

Por fim, o «rococó» — arranco occidental que se prolongou até ao brazeiro da planura mexicana — querendo provar a atenção de sempre da população vimarenense pela inovação dos estilos, concedeu-nos a frontaria da igreja paroquial de Santa Marinha da Costa, a capela da Ordem de S. Francisco, a capela da Ordem de S. Domingos, a frontaria do Convento de Santa Clara, e esse documento de rara elegância, misto de exemplar de arquitectura e de peça heráldica bordada a ouro, que é o Palácio dos Lobos-Machados, a meio da rua da Rainha D. Maria II — dadora do título de cidade à terra onde tenho o orgulho de ter nascido e que encerra, pelo seu encanto, os maiores sonhos da minha vida.

Alfredo Guimarães.
Director do Museu Regional Alberto Sampaio.

Festas Gualterianas e Feiras Francas de S. Gualter

a realizar nos dias 6, 7 e 8 de Agosto

Resumo do Programa

Sabado, 6 de Agosto — A's 8 horas, alvorada.

A's 10 horas, terá início no vasto Largo da República do Brasil e Avenida Miguel Bombarda, a Feira Franca de S. Gualter, com gado bovino, suíno e ovino.

A's 20 horas, terá início o grande Arraial Minhoto.

A's 24 horas, será queimado vistoso fôgo de artifício pelo hábil pirotécnico Augusto Fernandes, das Taipas.

Domingo, 7 de Agosto — A's 8 horas, alvorada.

A's 10 horas, Feira Franca de gado cavalari e asinino, a que concorre a Comissão de Remonta do Exército.

A's 10,30 horas, chegada a esta cidade da grande excursão organizada pelo Rancho «Douro Litoral» e composta de vários Ranchos Típicos e acompanhados por dezenas de Associações de Recreio, do Pôrto.

Das 15 às 17 horas, no Mercado Municipal, terão exhibição os Ranchos Típicos da grande Excursão do Pôrto.

A's 17,15 horas, da Praça de D. Afonso Henriques sairá um vistoso cortejo em que tomam parte os artistas tauromáquicos, que se dirigem à Praça de Touros «João de Melo» que pelas 18 horas será inaugurada.

A's 21,30 horas, Festivais Nocturnos, que constarão de iluminações gerais com 50 mil lâmpadas.

A's 22,30 horas, concerto no Jardim Público pela Banda do Pevidém, exhibindo-se no Largo de S. Francisco os vários Ranchos de que se faz acompanhar a grande excursão do Pôrto, e em cujo local serão queimadas vistosas árvores de fôgo preso, de A. J. Fernandes & Filhos, de Lanhelas.

A's 0,30 horas, brilhante sessão de fôgo de artifício pelos

exímios pirotécnicos Libório Joaquim Fernandes, de Lanhelas, e Alberto Gomes da Costa & Filhos, de Ponte da Barca.

2.ª feira, 8 de Agosto — A's 8 horas, alvorada.

A's 9 horas, no Mercado Municipal, iniciará o grande Festival Minhoto, com uma aparatosa Espadela, sendo eleita pelo Júri a «Rainha do Campo».

A's 14 horas, de novo no Mercado Municipal, será feita pela «Rainha do Campo» a distribuição solene dos prémios ao gado classificado nas feiras, sendo organizado um cortejo com todo o gado classificado, o qual será presidido pela «Rainha do Campo».

Pelas 17,30 horas, novamente e como no dia anterior, sairão da Praça de D. Afonso Henriques os artistas tauromáquicos, para, pelas 18 horas, darem início à segunda Tourada.

A's 21 horas, iniciará-se os Festivais e pelas 22 horas, no Jardim Público, terá lugar o segundo concerto, pela Banda dos B. V. de Guimarães. Iluminações gerais, concertos em todos os corêtos e pelas 23 horas a apoteose máxima com a saída da Marcha Gualteriana.

Na Praça de D. Afonso Henriques, à passagem da Marcha, será queimada uma surpreendente Batalha de Fôgo dos pirotécnicos António J. Fernandes & Filhos.

A's 0,45 horas, será queimado um monumental Bouquet com 3.000 foguetes, confecção dos grandes artistas da pirotecnia António J. Fernandes & Filhos e Libório Joaquim Fernandes, de Lanhelas, e simultaneamente, na Praça de D. Afonso Henriques, todas as bandas executam o Hino da Cidade.

feita pela Associação Comercial duma reunião magna, onde se prometeu e combinou a realização no ano seguinte — 1923 — das grandiosas festas e exposição.

Dai em diante foi uma luta constante. O *Pro Vimarane* — jornal, nunca deixou de estar na brecha. Ora pugnando, ora sugerindo, ora propagando as tradicionais Festas da Cidade. O *Pro Vimarane* — grupo — chamando a si o encargo da sua realização.

16 anos?!
16 anos foram precisos para nos darem razão. Até faz impressão constatar esta verdade! Há 16 anos que a tese do *Pro Vimarane* era esta:

A Associação Comercial não podia por si só fazer as Festas. A opa do Senhor dos Afritos tinha que desaparecer. A Câmara deveria criar a receita, e presidir a uma grande comissão que as realizasse. Ela aí está, tornada realidade, essa tese, mas temos que convir de que não foi nada cedo...

16 anos?!
16 anos depois do primeiro impulso dado na modorra das gentes desta terra, recebo convite gentil do Director deste jornal para colaborar neste número especial. Pobre de mim! Ausente tantos anos, destreinado, esquecido...

Que poderei eu escrever? Fazendo votos para que de futuro, os jornais de Guimarães não tenham de sustentar a luta tenaz e persistente que o *Pro Vimarane* durante anos sustentou e que a realização das Gualterianas, não constitua mais um problema vimaranense.

Sérgio Vidal.

Gazetilha

Para que ninguém nos fuja, ou nos olhe de revés, nada de expor roupa suja, ficará para outra vez.

De nada se dirá mal, nem contra ninguém se berra, enchamos hoje o jornal só com coisas cá da Terra.

Tratemos bem as visitas, elas assim o merecem, cortar coisas esquisitas que por vezes aparecem.

Desta vez serão só Festas, Festas, só Festas, mais nada, seja que uma coisa destas seja uma grande maçada.

Mas é preciso que seja forte e unísono o cântico, e no gesto ninguém veja qualquer falta de decôro.

Nisto sômente há bairrismo, o que fica muito bem, e embora meta lirismo isso que importa, que tem?

Lirismo, e talvez cantiga, mas só nos importa o fim, e por isso a gente amiga da Terra, procede assim.

Mais uma festa atirada à frente da população, porque a vida é uma maçada para quem por elas passa.

Vivam as GUALTERIANAS, as Festas cá da Cidade, ergamos nossas hossanas, mas com toda a mocidade.

Camara Dão.

Barracas do Campo da Feira

As Gualterianas são as Festas da Cidade, as Festas de todos nós, vimaranenses. De uma maneira geral, todos aqueles que aqui vivem gostam delas, e a prova é o descontentamento do povo quando elas se não realizam, mas, quanto a nós, merecem-nos uma predilecção especial — nasceram em 1906.

Quando pela primeira vez se realizaram, contávamos apenas poucos meses de idade, por isso, que testemunhar do seu início? — Que eram Festas de facto, toda a gente o sabe. Temos crescido par e passo, sofrendo os altos e baixos da vida, quantas vezes à mercê da carência de dinheiro. Da mesma idade, desde pe-

queno que nos habituamos a ver as barracas do Campo da Feira, cheias de apetecíveis brinquedos que sempre fizeram e continuarão a fazer, a coibiça da gente pequena. A par de uma grande alegria, era também uma aflicção para nós, miúdos, que queríamos o carrinho de mão, o arco de tanger com um pau, o homem da bicicleta, a roda enraizada com arames, etc., não falando em muitos outros brinquedos, como toda essa imensa variedade de bonecada que então havia, assim como miniaturas de todos os utensílios mais vulgares, quer se tratasse de um ofício ou do trem de cozinha. Com três vinténs, ia-se à barraca que tinha esse nome por ser a melhor sortida, e já se comprava qualquer uma dessas muitas coisas expostas à nossa vista, depois de termos prometido em casa, no geral sob ameaça, não fazeremos perrice ao não ser inteiramente satisfeita a nossa vontade.

Hoje já não se compra nada por três vinténs, também é coisa que não existe, é moeda que já muita gente não conhece. Há quantos anos os vinhos desapareceram para nunca mais voltarem. Depois, reduziidissimo era o número de brinquedos que se sujeitavam a uma tabela acessível a todos, até que surgiu tudo a dez. E' quasi que uma edição dos outros tempos, embora as quin-quilharias de então não possam ser as de agora. Mas é o mesmo; por um escudo já se compra uma bugiganga, uns *soquinhos da sorte*, um *pretinho da felicidade*, e quantas outras coisas mais. Mas a tabela parece que tende a baixar, pois também já há bonecada a custar uma *c'roa*. No entanto, por mais voltas que lhe dêem, nunca mais voltamos ao tempo dos três vinténs.

Assim como ontem, ainda hoje há muito quem continue a ir às barracas comprar qualquer coisa. Não se estando já na idade de *jogar as cordas* ou *fazer jantariños*, certamente que não se vai, pela mão da criada, gastar o dinheiro que foi dado em casa. Quantos vão com o fim de comprar um *bi-belot* para ser oferecido como recordação das Festas, que lembre essas noites fugidas e passadas com as *tolerâncias* dessas ocasiões; outros vão porque os filhos os obrigam aquilo a que ainda há bem pouco eles levaram os pais.

Agosto, 1938

E. N. Fastiado.

Volta a Portugal em bicicleta

As Comissões de Honra e de Recepção aos Corredores da Volta a Portugal em bicicleta, que vai realizar-se e cuja etapa é Chaves-Guimarães, deve terminar no dia 15 do corrente, ficaram assim constituídas:

Comissão d'Honra — Presidente da Câmara, Presidente da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, Presidente da Junta de Turismo e Comandante da G. N. R., Delegado Concelho da L. P., Comandante dos B. V. e Presidente Honorário do V. S. C.

Comissão de Recepção — Direcção do V. S. C., Correspondentes do «Diário de Notícias» e de «Os Sports», representante da Imprensa, Oscar Avelino Pires e António de Sousa Lima.

Aos corredores serão oferecidos valiosos prémios pecuniários e em objectos de arte, pela Câmara Municipal, Junta de Turismo, Associação Comercial e Industrial, Vitória Sport Club, etc.

Brito & Gomes, Limitada

Por escritura desta data, por mim lavrada, o capital da sociedade por quotas de responsabilidade limitada sob a firma acima e com sede na freguesia de S. Miguel das Caldas, da Vila de Vizela, concelho de Guimarães, foi reforçado com a quantia de 200 contos subscrita e paga em dinheiro em partes iguais pelos seus únicos sócios Alfredo Alves Ferreira de Brito e Justino da Silva Gomes, ficando assim o mesmo elevado à cifra de 300 contos.

Pôrto, 19 de Julho de 1938.

(134) O notário, Artur da Silva Lino.

Da Cidade

Diversas Notícias

Comemoração patriótica

A expensas da Câmara Municipal e a exemplo dos anos anteriores deve realizar-se no dia 14 do corrente, a solene e patriótica comemoração da Batalha de Aljubarrota, no Pádrão de Nossa Senhora das Vitórias, junto ao Magestoso Templo de Santa Maria da Oliveira, desta cidade, havendo missa campal e alocução patriótica por um distinto orador sacro e devendo assistir a esta solenidade as autoridades e pessoas de representação, corporações civis e religiosas, etc., etc.

Novo bacharel

Na Universidade de Lisboa concluiu o 4.º ano de Direito, com magnífico resultado, o novo bacharel sr. dr. José Maria de Araújo Abreu, filho do sr. Bernardino de Araújo Abreu, estimado oficial do Registo Civil, e de sua esposa, a sr.ª D. Maria da Conceição de Araújo Abreu.

Ensino

Terminaram há dias os exames de admissão ao Liceu, tendo requerido o mesmo 95 alunos. No átrio daquele estabelecimento de ensino está afixado o edital para a matrícula dos 1.º e 2.º ciclos do próximo ano lectivo de 1938-39.

Rancho Regional da Ramada

Apresenta-se pela primeira vez nesta cidade um agrupamento de rapazes e raparigas que com os seus cantares, deve atrair a atenção de todos aqueles que compreendem a finalidade dos Ranchos — a cultura popular artística. Acarinhá-lo é um dever de todos os vimaranenses. A apresentação do Rancho da Ramada nas Festas Gualterianas representa um acto digno de registo, pelo esforço despendido pelos seus organizadores.

Festas a S. Cristóvão

Realisaram-se no sábado e domingo da semana passada os festejos a S. Cristóvão, promovidos pela classe dos motoristas de Guimarães. Revestiram-se de muita simplicidade. Foram bastante pobres. Houve no sábado, na Penha, o jantar de confraternização, a que presidiu o dedicado amigo da classe sr. P. Gaspar Nunes, e, no domingo missa campal, na Penha. Julgamos conveniente que quando assim volte a acontecer se não anunciem festejos, porque, na verdade os actos realizados não podem assim ser considerados. Um jantar de confraternização e uma missa não são positivamente festejos.

A Peregrinação à Penha

Foi já enviada aos párocos do nosso concelho, pelo digno Arcipreste Monsenhor João António Ribeiro, a seguinte Circular para a Peregrinação à Penha, que se realiza no dia 11 de Setembro próximo: «Tenho a honra de convidar V. Rev.ª e as associações piedosas da sua digna direcção, em nome da Comissão Organizadora, para a nossa grandiosa Peregrinação a Nossa Senhora da Penha, que se realizará, na forma dos demais anos, no dia 11 de Setembro, 2.º domingo do mesmo mês.

Este ano teremos como companheiros, nesta devota Romagem aos pés da Santíssima Virgem, a implorar a continuação da sua protecção maravilhosa à nossa querida Pátria e o almejado e feliz termo do conflito espanhol, grande número de peregrinos da Cidade de Braga, que assim nos querem honrar e abrilhantar a nossa importante Peregrinação anual.

Digne-se, pois, V. Rev.ª convidar o seu bom povo, para que não falte, como tanto esperamos, no dia 11 de Setembro, a tomar parte nesta esplêndida manifestação de fé, devendo comparecer no Campo da Feira antes das 9 horas, para pontualmente sairmos em direcção à nossa montanha santa. Deus guarde a V. Rev.ª. Guimarães, 25 de Julho de 1938.

O Arcipreste de Guimarães, (3) Mons. João António Ribeiro.

Festa íntima

No dia 24 de Julho, ao princípio da noite, realizou-se na vivenda do nosso prezado amigo e conceituado negociante e industrial sr. António Pimenta, sito no lugar do Rio, freguesia da Costa, uma festa íntima que decorreu no meio da maior alegria. Os componentes do grupo excursionista «Trevo das Quatro Folhas» do Rio Tinto, vieram a Guimarães para prestar homenagem ao Padrinho do mesmo grupo o interessante menino João Alberto Pimenta Machado, filho daquele nosso prezado amigo e de sua ex.ª esposa, e fizeram-se acompanhar do retrato do homenageado que desceram por entre calorosas salvas de palmas. O sr. António Pimenta e sua esposa, profundamente sensibilizados agradeceram tão simpático gesto e ofereceram não só aos componentes do referido grupo como a outras pessoas da sua intimidade um

jantar que decorreu no meio da maior animação. Ao champagne pronunciaram breves brindes, saudando o pequenito João Alberto e tecendo os maiores elogios a seu bondoso pai, o sr. Francisco José Coutinho Guimarães, presidente do grupo «Trevo das Quatro Folhas» e ainda diversas outras pessoas que assistiram ao repasto.

O pequenito João foi muito saudado e tanto o sr. António Pimenta como sua ex.ª esposa agradeceram não só a homenagem prestada a seu filho, como, também, todas as referências que durante o jantar lhes foram feitas.

Ao sr. António Pimenta, a sua ex.ª esposa e aos componentes do Grupo «Trevo das Quatro Folhas» agradecemos, também, todas as deferências que nos dispensaram.

Vida Católica

Festividade — Na capelinha de S. Crispim e S. Crispiniano, efectuou-se ontem, conforme estava anunciado, a festividade em honra de Nossa Senhora das Neves, que decorreu com muito brilho e foi precedida de uma novena que teve grande concorrência de fiéis. A festa constou de missa cantada, de manhã, e sermão, bênção do SS.ª Sacramento, etc. à tarde.

— Na capela de S. Lázaro, realizou-se no dia 29 de Julho, a festividade a Santa Marta, e a tradicional Romaria.

S. Domingos — Na capela da V. O. T. de S. Domingos festejou-se na quinta-feira o seu Padroeiro com missa solene de manhã e outros actos de culto à tarde, tendo havido, também, a absolvição aos irmãos.

Padroeira da Cidade

No próximo dia 15, deve realizar-se com a costumada impenância a festividade anual em honra da Padroeira da Cidade, Nossa Senhora da Oliveira. Desconhecemos, ainda, qual o programa da festividade.

Rancho Típico do Bonfim

Este «Rancho» um dos mais conhecidos do Pôrto, é dirigido pelo sr. A. Teixeira Lopes e foi classificado no Concurso realizado no Palácio de Cristal. Vamos ter o prazer de assistir, no próximo domingo, dia 7 à sua exhibição, de tarde no festival da Praça do Mercado e à noite no Jardim Público, com um magnífico programa de canções, danças e marchas patrióticas.

Trata-se de um agrupamento que honra a Cidade do Pôrto.

Agressão à paulada

Homem em perigo de vida — *Questão de ciúmes* — No lugar da Igreja, freguesia de S. Martinho de Leitões, d'este concelho, José Pereira, solteiro, lavrador, de 29 anos, natural de Moggege, concelho de Famalicão, agrediu à paulada, por uma questão de ciúmes, Manuel Ferreira Guimarães, casado, jornalista, de 24 anos de idade, do lugar da Portela, freguesia de Leitões o qual deu entrada, em estado grave, no Hospital da Misericórdia desta cidade. O agressor foi preso pelo regedor da referida freguesia e deu entrada nos colabóquios da P. S. P. desta cidade.

Julgamento importante

Em Tribunal colectivo, realizou-se no Tribunal desta Comarca o julgamento da Acção Especial nos termos do Código das Estradas proposta pelos sinistrados D. Emilia Rosa da Costa Ferreira e seu irmão, contra a firma Correia & Costa, do Porto, e Companhia de Seguros Ultramarina, da mesma cidade. Pelo acordado foram dados como provados os quesitos respeitantes aos autores. Dêstes foi advogado o sr. Dr. Adeliño Nogueira Marques, do Porto, e advogados dos réus, respectivamente, os srs. Drs. Fernando Aires, desta cidade e Machado Vaz, do Porto. O pedido de indemnização é de 65.000\$00. Aguarda-se a sentença final.

Crime de morte

No lugar do Adro, freguesia de Santo Tirso de Prazins, d'este concelho, foi assassinado à facada na noite de domingo, dia 24 de Julho, João Ribeiro, solteiro, lavrador, de 23 anos de idade, da freguesia de S. João de Ponte. Foi autor d'este crime José Fernandes, solteiro, lavrador, também de 23 anos de idade, da freguesia de S. Salvador do Souto, d'este mesmo concelho, o qual também agrediu, com o mesmo objecto com que praticou aquele crime, Abel Gonçalves Fernandes, solteiro, cutileiro de 18 anos de idade, da freguesia de S. João de Ponte, que teve de recolher ao Hospital, em estado grave. O caso está entregue ao Poder Judicial.

Manifesto de produção agrícola

O Sr. Presidente da Câmara, tornou público que, nos termos do Decreto n.º 26.408 o manifesto da produção dos seguintes géneros: trigo (mole e rijo), centeio, aveia, cevada, fava, grão de bico, batata de sequeiro, alfarroba, amêndoa, aveia, noz e uva de mesa, deverá ser feito pelos agricultores, desde 1 de Julho passado até 30 de Setembro. Nas regedorias d'este concelho,

Críticas Pequenas

Ao fim de doze largas semanas de silêncio e de luto, as *Gualterianas*, nos seus clamores de Festa e Regozijo, fazem a vontade aos seus leitores desta secção bem minúscula. São eles o perito volante José Teixeira e o seu desalinhado rabiscador. Seu, das C. P..

E nesta altura da Vida, a quem deseje atentar no movimento literário que mais interesse Guimarães, logo se oferece a pessoa do ilustre Conterráneo a quem os azares de Publicista têm ultimamente oferecido insistentes e rijas contrariedades.

A crítica a que se devota Alfredo Pimenta é-lhe por vezes amarga e desconcertante.

¿Mais desconcertante para o Crítico, ou para os leitores? *Dicant Paduani*.

Fernando de Sousa transforma os seus venerandos 83 janneiros em 38 julho de surpreendente virilidade, para confirmar a defesa que o P. Miguel de Oliveira fizera da sua História da Igreja. E é de maravilhar a frescura e a elegância e a erudição com que foi comentando as réplicas do grande Crítico.

Carlos Coutinho atira ao nosso público o seu labor de afanosos meses que empregou a defender o seu opúsculo sobre forais flavienses.

O recente volume *Notas Históricas e Críticas* revela, além do mais, um aturado estudo para focar as notas menos fe-

liz de Alfredo Pimenta em toda a sua vasta obra.

Vê-se à saciedade que já de longe compulsa os manuscritos medievais e nota-se que na polémica aproveita os mais acerados dardos para ferir o Adversário.

Tanto trabalho perdido! Quanto melhor não fôra gastar as suas energias no decifrar das velhas idades do que em carrear da larga seara do Crítico incansável o joio que por lá descobriu!

G.

P. S. Dos ingratos anda o mundo cheio. *Nemo* foi tam gentil para o Autor da *História da Igreja* que bem merecia d'este a correcção do dizer *Crítica duma resposta*, conforme o reparo do Príncipe dos Jornalistas.

Pois o laborioso P. M. O., publicando em folheto a tréplica a A. P. e devendo chamar-lhe *Resposta a um crítico e Crítica duma resposta*, ainda mantém, em vez dum oportuno e, ou anterior, a contrariar o pensamento de *Nemo*.

Somos todos mausinhos neste mundo!

G.

RECORDANDO

Pro Vimarane

16 anos?!
Sim, já lá vão 16 anos sobre a primeira reacção séria, nascida do facto de não se realizarem as Gualterianas.

1922 — O grupo *Pro Vimarane* anuncia a sua fundação e a publicação dum periódico. Motivo: a realização ou pugna pela realização das Gualterianas. Resultado: a convocação

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos: Nos dias 9 e 15, respectivamente, as ex.ªs senhoras D. Maria José Mota Prego e D. Maria Angelina de Araújo Abreu Brandão...

Partidas e chegadas

Com sua esposa encontra-se entre nós, na sua casa de Mulos, o nosso prezado amigo e ilustre Conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo, sr. Raúl Alves da Cunha...

De regresso de Lourenço Marques vem chegar por estes dias a esta cidade, onde tentava demorar-se algum tempo, o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. João Pereira dos Santos...

distribuem-se pelos proprietários que lhes requisitarem os impressos para o referido manifesto.

Incêndio Por volta das 18 horas de domingo, manifestou-se um incêndio nos baixos do prédio habitado pelo sr. Domingos Alves Machado...

O progresso da Penha O Horário das Carreiras para a Penha, em caminheta da Junta de Turismo é o seguinte:

Excursão Portuense A Comissão das Festas da Cidade convidou todas as agremiações desta cidade e o público para se reunirem, às 10 horas de domingo...

Beneficência O nosso estimado conterrâneo sr. Francisco Machado, que regressou da Cidade da Beira (África), entregou-nos, para os nossos pobres, a quantia de 500.000.

Falta de espaço Por absoluta falta de espaço ficamos de fora, já depois de composto, bastante original, entre o qual algumas das nossas secções, noticiário, anúncios, etc.

Registo Civil Durante o mês de Junho o movimento do Registo Civil foi o seguinte: Nascimentos, 230; casamentos, 31; óbitos, 175.

Exame Houve há dias grandes manifestações de regosijo na Quinta de Baixo, Vilar de Andorinho, Gaia, onde moram os srs. Conde do Paço de Vitorino, por seu filho mais novo, Visconde de Cortegaça...

Espirito Santo Barreira e João Teixeira. A passar as Festas da Cidade encontram-se entre nós, além de muitos outros amigos cujos nomes não nos ocorrem...

De Coimbra partiu para Vinhais, onde vai passar uma temporada, o nosso querido amigo e ilustre professor liceal sr. dr. Manuel Ferreira da Costa.

Regressou de Mafra o nosso prezado amigo e ilustre Presidente da S. M. S., sr. capitão Mário Cardoso.

Encontra-se melhor dos seus padecimentos o nosso prezado amigo e estimado vimezanense, sr. José da Silva Guimarães.

Do Hospital da Misericórdia onde foi, como noticiamos, submetida há dias a uma intervenção cirúrgica, já recolheu a sua casa, encontrando-se restabelecida, a ex.ª sr.ª D. Maria Beatriz Teixeira Carneiro Mendes de Oliveira.

Casamentos Com grande solenidade e com a assistência de muitas pessoas da melhor sociedade vimezanense, realizou-se, no último sábado, no Santuário de N. S. do Sameiro, em Braga, o casamento do nosso prezadíssimo amigo e distinto advogado, sr. dr. Fernando Guilherme Guimarães Aires de Azevedo...

Na igreja paroquial de S. João de Ponte realizou-se, na quinta-feira, o casamento do nosso amigo sr. António de Oliveira, filho do sr. António de Oliveira e da sr.ª D. Matilde Teixeira, com a sr.ª D. Clara Mendes Guimarães, filha da sr.ª D. Olívia Marques e de seu marido, já falecido...

Exame Nas Escolas Centrais, desta cidade, fez exame de 2.ª grau, ficando distinto, o aluno Gonçalo Guise Pinheiro, filho do nosso bom amigo, sr. tenente Mário Pinheiro, Parabéns.

II MISSÃO ESTÉTICA DE FÉRIAS

Com muito brilho realizou-se, na quinta-feira, a Sessão Inaugural

Com uma assistência numerosa e selecta, e num ambiente de rara beleza artística, realizou-se na quinta-feira à tarde, no claustro românico do Museu Alberto Sampaio, a sessão solene inaugural da II Missão Estética de Férias.



Dr. Aarão de Lacerda

gado do Estado no Município, secretariado pelos srs. Drs. Alfredo Pimenta e Augusto Ferreira da Cunha, ilustres Directores do Arquivo Municipal de Guimarães e Vereador da Cultura da Câmara Municipal, respectivamente.

OURIVESARIA SOUSA Sousa & Coelho A casa mais especializada em jóias género antigo e a que maior sortido apresenta, tendo sempre as últimas novidades por ter oficinas próprias.

OURIVESARIA SOUSA DE Sousa & Coelho A casa mais especializada em jóias género antigo e a que maior sortido apresenta, tendo sempre as últimas novidades por ter oficinas próprias.

FABRICA DE PENTES, ARTIGOS DE GALALITE E CELULOIDE Fábrica de Acabamentos de Tecidos, Branqueação, Tinturaria e Calandra Xavieres & Andrade, L. da TELEFONE 39 Rua Trindade Coelho, 59 GUIMARÃIS A BRASILEIRA Casa Especial de café do Brasil e Pastelaria 61, Rua de Sá da Bandeira, 91 Telefones 379 e 405 PORTO Vende-o em Guimarães: Francisco Joaquim de Freitas & Genro Praça D. Afonso Henriques, 70.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Filomena Rosa de Oliveira

Na sua residência, à Avenida Cândido dos Reis, finou-se no sábado, dia 23 de Julho p.º p.º, já tarde da noite e após poucas horas de sofrimento, a sr.ª D. Filomena Rosa de Oliveira, extremosa esposa do antigo industrial, sr. Manuel Bernardo Alves, e mãe amantíssima do nosso querido amigo e ilustre colaborador, sr. Manuel Alves de Oliveira, distinto director da «Revista Gil Vicente».

O funeral efectuou-se na segunda feira seguinte, às 11 horas, na igreja da Misericórdia, perante numerosa e selecta assistência, entre a qual nos lembramos ter visto os srs.: Dr. Augusto Luciano Guimarães, dr. Artur Couto, dr. Carlos Saraiva, Francisco de Magalhães Couto, António Alves Ribeiro Gomes de Abreu, António Martins Ribeiro da Silva, João Ribeiro Dias, Eugénio Vaz Vieira, Narciso Augusto Amaral, Luís Simões, António Ribeiro, Armando Umberto Gonçalves, Adelino Neves Pereira, António Rodrigues M. Lhã, Manuel António de Castro, Fernando Ramos, Monsenhor João António Ribeiro, P.º Gaspar Nunes, P.º Francisco Saraiva Carvalho, dr. José Pinto Rodrigues, João Garcia de Almeida Guimarães, Joaquim Laranjeiro dos Reis, António de Lencastre, João Dias Pinto de Castro, João do Couto Salgado, Bernardino Gonçalves Barroso, Amândio de Sousa Carvalho, José Avelino Ferreira, Egidio Alves Marques, Manuel da Cunha, Agostinho das Neves Guimarães, Francisco Martins, António Joaquim Gomes Cerqueira, Alberto Vieira Braga, Francisco Correia Lopes, Manuel Lopes Martins, José Gilberto Pereira, Manuel C. Martins, Eduardo Joaquim da Silva, António Barroso, Camilo Laranjeiro dos Reis, Silvino Alves de Sousa, Francisco da Costa Magalhães, Eduardo Augusto da Silva Mouta, José António da Silva Guimarães, Domingos Leite de Castro, Francisco Matos Chaves, Evaristo Corais, Armando Diniz Dias Corais, P.º Domingos José da Costa Araújo, Luís Filipe Coelho, José Pinto Pereira de Oliveira, António Pimenta, etc., etc.

O «Noticias de Guimarães» fêz-se representar pelo seu director e pelos redactores, srs. J. Guaberto de Freitas e Simão Neves.

A chave do caixão foi entregue ao conceituado industrial e nosso bom amigo, sr. António Pimenta.

Passou no último domingo o 2.º aniversário do falecimento do nosso conterrâneo, sr. Manuel Pereira Bastos, que foi benemérito de algumas instituições de caridade vimezanenses.

Na igreja de S. Francisco, realizou-se no dia 24 de Julho, a missa anual da Associação Fúnebre Familiar Operária Vimezanense, em sufrágio da alma de todos os sócios falecidos, tendo sido numerosa a assistência.

Contando 84 anos de idade, finou-se na sua residência, à rua dr. António Mota Prego, a sr.ª D. Emilia de Araújo Dantas, mãe da hábil modista, sr.ª D. Auxília Dantas e do sr. Aurélio Dantas, residente em Lisboa, irmã da estimada modista local sr.ª D. Ana Júlia do Sacramento Mendes e cunhada do nosso prezado amigo e digno Funcionário da Secção Policial da Câmara Municipal, sr. José de Sousa Roriz.

O seu funeral realizou-se na igreja de N. S. da Oliveira e teve a assistência de várias pessoas da família dorida.

Gesto simpático

O Grupo de Vimezanenses que tomou o encargo de ornamentar e iluminar a Rua da República, para as Festas da Cidade, e que é composta pelos srs.: Francisco Ribeiro de Castro, Francisco F. Oliveira, Rodrigo Fernandes Abreu, Américo Ferreira, João Dias de Castro, Agostinho Dias de Castro, Alberto Mascarenhas e António Laranjeiro dos Reis, enviou ao Ilustre Presidente das Festas, sr. António J. P. de Lima, o seguinte ofício:

Animados pelo ardente desejo de contribuir com o seu modesto mas entusiástico esforço para o brilhantismo das Festas da Cidade, das tradicionais Gualterianas, este ano renascidas mercê da elevada compreensão do Município, um grupo de vimezanenses saudosos dos tempos em que, rapazes ainda, nelas colaboravam com todo o fervor da sua mocidade, tomou sobre os seus ombros, com o único intuito de prestigiar a terra que lhes foi berço e coadjuvar a acção das entidades empenhadas na realização dessas Festas, o encargo de conseguir a ornamentação e iluminação da Rua da República, artéria citadina que a este fim magnificamente se presta.

No ânimo dos que se abalancaram à iniciativa esteve sempre o objectivo de, transformada ela em realidade, oferecer o seu resultado à digna Comissão das Festas, na pessoa de V. Ex.ª, sr. António José Pereira de Lima, Vimezanense que sempre, ainda nas emergências mais graves está disposto a dar o seu generoso auxílio a tudo o que vise o progressivo desenvolvimento e a dignificação das mais gloriosas tradições da nossa Terra.

Concerto a realizar pela Banda de Freamunde na Rua da República, no próximo domingo, 7. 1.ª Parte Bicolor (Marcha) — S. Ribeiro; Liege Imortelle (Ouverture) — Rousseau; Madame Butterfly (Opera) — Pucini; Garota Napolitana (Opereta) — Mário Costa. 2.ª Parte Les Irinias (Divertissement) — Massenet; Danças da Opera Principe Igar — Barodine; Agueda (Raposódia) — P. Viana; Hino da Cidade — Vasco Leão.

Manuel Pereira Bastos Passou no último domingo o 2.º aniversário do falecimento do nosso conterrâneo, sr. Manuel Pereira Bastos, que foi benemérito de algumas instituições de caridade vimezanenses.

Na igreja de S. Francisco, realizou-se no dia 24 de Julho, a missa anual da Associação Fúnebre Familiar Operária Vimezanense, em sufrágio da alma de todos os sócios falecidos, tendo sido numerosa a assistência.

Só deve comprar meias na CAMISARIA MARTINS, a Casa das Meias. As meias da Casa das Meias são perfeitas e rigorosamente na Moda. Sortido completo e mais barato: CAMISARIA MARTINS — a Casa das Meias. CASA DAS MEIAS.

Legião Portuguesa Tendo falecido o legionário José Rodrigues Martins da Costa, que foi o n.º 2084/17050, do Batalhão Legionário n.º 13, o Delegado Concelhio convida todos os legionários, à excepção dos nomeados para a escolta e guarda de honra a encorporarem-se no seu funeral, que terá lugar no próximo dia 8 do corrente, pelas 11 horas, na igreja de N. S. da Oliveira. Devem comparecer fardados. Guimarães, 6 de Agosto de 1938. Manuel J. R. da Cruz Tenente.

Condições Turísticas de Guimarães

Em tempos que não vão longe, a deslocação individual para além da sua zona de actividade vital constituía um feito de notável audácia, um empreendimento de rara energia.

Cada um limitava, em geral, a sua esfera de acção ao local onde o seu trabalho era profícuo e a maior parte das vezes baixava ao coval frio sem que tivesse a bejá-lo outro sol que não fosse o que iluminou o seu berço de infante.

Até o espírito aventureiro do português que o animava a lançar-se por essas terras além parecia evadido do mesmo mal: o homem partia sonhando riquezas, vivia pensando no recanto onde tentou os primeiros passos e regressava à terra natal com a preocupação única de ali se instalar com invejável conforto, de ser útil a si e aos seus e conquistar os encómios e o aprêço de todos por obras de benemerência regional. Santa e louvável atitude a que tanto se deve do bem espalhado por todo o País.

Mudaram, porém, os tempos. A alma despertou para sensações novas e o espírito já não se acomoda ao acanhado caminho do trabalho: quer que dele deriem amplas e graciosas avenidas através das quais possa folgar, correr, extasiar-se nas suas horas de ócio.

Veio certamente desta mutação anímica, desta transformação psíquica a criação do turismo, palavra que é um romance, designação que é um compêndio de ensinamentos, definição pura e simples do ideal da alma moderna que não quer peias aos seus anseios.

Hoje todos querem infiltrar-se na civilização moderna, conhecer de perto os progressos mundiais, conviver intimamente com a ciência e a arte e conversar com o universo, estudá-lo em tôdas as suas cambiantes.

Para que isso seja possível todos os centros de renome se esforçam em tornar dignas de aprêço as suas belezas, em multiplicar a atracção dos seus recintos, em divulgar os motivos da sua preferência.

Quem viaja, quem passeia, quem se diverte, tem sempre a preocupação de dar à sua alma sensações novas, intensas e de proporcionar ao seu físico um confortável bem-estar. Afinal é isto o turismo. E o seu expoente é tanto maior quanto melhores são as condições em que ele se exerce.

Pois nisso, como em tantas coisas, Guimarães caminha na vanguarda, em posição de notável relêvo.

As suas gloriosas tradições de berço da nacionalidade, Guimarães alia uma energia indomável, um esforço surpreendente de progresso que se revela em todos os ramos da actividade humana. A arte, a indústria, o comércio, a agricultura, essas poderosíssimas alavancas da riqueza, têm na nobre terra vimaranense um templo grandioso de religiosíssimo culto.

A Natureza foi uma distribuidora pródiga das suas belezas.

O vimaranense justamente orgulhoso e envaidecido da sua terra dá-lhe

tôda a sua energia, todo o seu esforço, todo o seu entusiasmo, não se poupando a sacrificios e lutando contra tudo para que a sua terra seja a melhor e a maior do mundo.

E o facto é que se tanto não atinge, consegue seguramente conquistar-lhe um lugar de relevante aprêço, de merecida preferência.

A dentro das maravilhas da vetusta cidade, Guimarães, é um grande cofre onde se guardam maravilhas de arte e arquitectura. Não cabe na índole dêste arraçoado a enumeração de tôdas, mas não deixaremos passar em silêncio os notáveis monumentos das igrejas da Oliveira, S. Francisco, S. Domingos, Campo da Feira e Capela do Castelo; Paços dos Duques de Bragança; Castelo de Guimarães; edifício da antiga Câmara; Sociedade Martins Sarmento e os riquíssimos museus Alberto Sampaio e Martins Sarmento.

Em tôrno da cidade, formando uma auréola de fulgurante beleza apreciam-se a Penha majestosa, um panorama inegalável, S. Torcato com seu templo de soberba arquitectura moderna, estabelecimentos e centros fabris de prodigiosa actividade, onde um formigueiro de operários produz constantemente os melhores artigos de tecidos, cutelarias, calçado, etc., como sejam as fábricas do Castanheiro, Arquinho, Minhoto, Avenida, Bento Santos Costa, Vila-Flor, etc., Campeles, Caniços, Pevidém, Brito, Ronfe, etc., e as célebres estâncias termiais de Vizela, a rainha das termas sulfurosas; e Taipas, águas de milagrosas curas, com o seu balneário romano e as famosas acrópoles da Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso.

Completam este lindo quadro arquitectónico belíssimos solares, autênticos monumentos de arte, que nos surgem a cada passo.

É a Natureza, para que não possa chamar-se madrasta, tomou a seu cargo o cenário em que se admiram tôdas estas belezas, emoldurando-as com os vicejantes vales do Ave e do Vizela, rios de cristalinas águas que em suave murmúrio vão beijando as bucólicas margens de frondoso arvoredo e cambiante colorido incomparável, com uma fertilidade surpreendente.

Têm um cunho especial de sedução e encanto as festas e as feiras vimaranenses, onde a alma do povo se manifesta com todo o seu ardor, com tôda a sua ingenuidade, com o atraente cunho regional.

Não faltam a Guimarães alojamentos cómodos e confortáveis em excelentes hotéis e boas pensões, não só na área da cidade, mas também nas Taipas, Vizela e Penha.

Dotada de primorosos serviços ferroviários e auto-carrões para transportes colectivos, com luxuosos e inúmeros automóveis de praça, Guimarães completa um conjunto de condições turísticas que a colocam em um plano de merecido destaque no turismo português.

A. F.

Poetas Vimaraneses

SONETO

Passou por mim em seu cavalo ardente.
Roçou por mim a sua mão gelada.
E, a galopar, lá se perdeu na estrada,
Qual visão a sumir-se lentamente...

Ainda sinto, em mim, o frio algente
Da sua mão esguia e descarnada,
Com que no seu correr á desfilada
Me quis dizer que o seu olhar não mente.

No meio da poeira revolvida,
A olhar essa visão já diluída,
E sem desejos de tornar a vê-la,

Fiquei, com a certeza de que, um dia,
De novo, hei-de sentir a sua mão fria,
— Mas dessa vez pra me levar com ela...

CASA DA MADRE DE DEUS,
Julho, 1938.

ALFREDO PIMENTA.

Arrengo de quantos vi de quem foram esquecidos.
Arrengo dos perdidos por cousas não mui honestas.
Arrengo também das festas que trazem pouco proveito.
Arrengo do direito que se vende por dinheiro.
Arrengo do pairoleiro e de quem em êle cre.
Arrengo da mercê mais pedida de uma vez.
Arrengo de quem fez o ruim do bom senhor.
Arrengo do julgador que julga por afeição.
Arrengo da sem razão e de quem por ela usa.
Arrengo de quem refusa fazer bem a quem merece.
Arrengo do que padece De querer ser confessado.
Arrengo do casado mandado pela mulher.
Arrengo de quem der a rois, e chocarinhos.
Arrengo dos dinheiros e tesouros soterrados.
Arrengo dos letrados que não usam do que leem.
Arrengo dos que creem nas riquezas dêste mundo.
Arrengo do segundo que viveu com outro homem.
Arrengo dos que comem o alheio sem pagar.
Arrengo do pairar e falar muito sobrejo.

A continuação para a outra Vária.

... E a tua voz é doce
A ponto de escutá-la
E não saber quem fala:
Se tu, se alguma flor
Que tão bonita fosse,
Que Deus lhe desse fala!

João Saraiva.

Ambição nobre é, nos que governam e comandam, aquele frenesim infatigável em remediar desconcertos, aperfeiçoar o que está criado, e empreender cousas novas.

O Mar é um drama bem fecundo! Que símbolo da vida, que passamos sobre a terra, haverá al mais fiel? O movimento dos sucessos vemos retratado nas ondas; o emblema da sorte e a sua instância na variedade que flutuam: o império irresistível das circunstâncias no violento embate das vagas: e num frágil baixel mareado pela esperança voga para o porto desconhecido da eternidade o homem, viajante de um dia!

Oliveira Marreca.

Dizia Pitágoras que os nossos crimes e os nossos vícios — são erros de cálculo.

O Epaminondas

(Do Caderno de notas... incirculáveis)

Ao dr. Nuno Simões (êste esboço a lápis)

4 (Continuado dos n.ºs 318, 321 e 323)

Uma vez, ao inquiri-lo, (em íntima confidência noctivaga), admirado dos seus feitos de Platão Encoberto dos Decaídos da Justiça — pois sua arte salomônica de negociar os pleitos dermindos-os, com apurada equidade, contra as minutas e as sentenças, era a segunda e o outro segredo de êle viver feliz e independente com sua e de sua miséria —, dizia-me, amoldando-se no velho casaco amigo como em sua capa o antigo estudante da boémia coimbrã, o braço direito a oscilar livremente, longamente, em enorme pêndulo, com certa ironia corujada de riscos sarcásticos (... mas — a sério ou a troço-me?) :
— O meu sestro da alicantina...

o teiró das minhas trefeguições... como hei cometido e perpetrado minhas façanhas (ao que lhe chamam invejosos e maledicentes) de embrulhar o desembrulhado e desembrulhar o embrulhado — que tudo é não ir no embrulho, como se diz em calão negocial e forense —? Hio... Hio... São más famas, meu senhor. Lá que me apraz desenlear em boa pirraça as inzonas da Justiça, senhora dona, e esmiolar o lopete dos Rábulas, os finos Licenciados in utroque jure, não o nego, e confesso.

Hio... Hio... Bem se lhes diz no Fradinho da Mão Furada, sem perigo de que êles tais se emendem:

Folheais sem descansar
Os textos com desprezeres,
Que vossos maus procederes
Vos fizeram condenar
Aos tratos da infernal ira:
Pois fizestes, com maldade,
Ou da mentira verdade,
Ou da verdade mentira.

Pois é assim mesmamente a mais fácil das cousas, como vê o senhor, isto de destrapaçar a trapaça. Há uma acção: são duas partes e dois Letrados, cada um com a sua razão — que é só meia razão —, e com a sua outra parte igual o interesse do litigante e o engenho de seu Advogado: de forma que, ao fim e ao cabo daquilo tremouhar nos autos, nunca se juntam as duas metades da razão, que andavam e ficam separadas, adversas e irredutíveis, mas somam-se as conveniências ou conveniencionices. Hiu... Hiu... E tal como a pescada — hio... hio... — que antes de ser já o era, em logo se desavindo dois vizinhos, em logo se pegando dois chicanas, já antes a gente se apercebe de quanto êste vai articular, testemunhar e provar que sim e mais que também, e do mais tanto que vai aquela contestar, testemunhar e provar que não, não e não, e tenho dito, bem como de tôda a costumada traça da campanha: assim, olho soslaio, pé ligeiro, dôca fechada, mas aberta a dôsa... de quem interessa, e na mais repensada singeleza, se ajudam, empurram e levam as cousas à feição, que é por vezes a de um terceiro, a rir-se, segundo é lei, dos ingénuos contendores, mal-lá companhia!...

Hio... Hio... Espigou, com sua comprida mão seca e esquelética, seu gesto favorito de esconjuro ao mundo e aos homens.

— Hum... Hum... Olhe, meu senhor, isto já me vem no sangue, alvorçado na sanhuda bruteza impiedosa de nossas guerras civis entre carcundas e malhados, de cujos sou herdeiro na miséria da casa de meus pais, em ruína e ssolamento. Ainda lá, mas apenas, então, os Morgados faziam a estardiota das feiras, as peijas da tavolagem, as conquistas das fêmeas e os descobrimentos dos bons vinhos e petiscos, aida lá — Hio... Hio... —, era eu fedelho, estava no quinchoso, sentado na pedra do tanque, a ver a ninhada — que a caseira deitara — a bicar na palha do centeio, e veio um milhãfre, agarrou um dos pintos, dos maiores, o mais bonito, e logo se exalçou com êle pelo céu muito azul. A mulherzinha, andava a apanhar a batata, quedou-se mesmo passada, esbogalhando os olhos, já chuscados de lágrimas. Num relâmpago, o lavrador, que vinha a entrar do cortelho, agarra-me da físga e — zás —, físgadela foi ela que o franguinho nos veio cair aos pés. Foi uma lição. O mundo gosta mais de pasmar-se e lamentar-se do mal, do que ser prestes em acudir-lhe e remediar-lo. Hiu... Hiu...

— Tinham os melros um ninho entre o silvado, no extremo dêste mesmo quinchoso: quando nasceram os pequenitos, o melro não saía do ramo

Folclore e Tradição

Desde que o estudo do folclore Nacional entrou numa fase científica, mercê do aturado esforço de muitos e da acreditada competência de alguns, todo se aperceberam da sua importância e reconhecem agora, que um povo é tanto mais conhecido quanto mais aos olhos dos estranhos mostrar as radículas da sua estrutura étnica e tradicional, compendiadas em obras de conjunto e de sistematização.

Competentes e sábios de renome têm erguido, com materiais desencantados nas velhas usanças e costumeiras do povo, monumentos novos de real valor histórico e etnológico.

O nosso País acompanha, presentemente, graças à erudição de consagrados cientistas, que ao estudo das tradições se entregam com assinalado vigor, os movimentos de larga capacidade que pela Europa se amostram, desde a colecção dos materiais até à interpretação de tôda a gama intelectual do povo, claramente manifestada no curso e no governo da sua vida, da sua folga, dos seus serões, do seu trabalho e dos seus cultos supersticiosos e romarieiros.

Fácilmente se verifica que o método acondicionado dos estudos científicos e de apreciação da literatura e do folclore populares nos deu o fundamento do viver passado e as relações dos hábitos, das virtudes e do espírito do povo, que se tomam e apreciam nos actos de qualquer manifestação de actividade, de culto tradicional ou práticas de trabalho.

Queremos referir-nos à criação dos museus etnográficos e de carácter regional, à realização apreciável de várias exposições de arte e indústria populares, à publicação de revistas consagradas aos estudos folclóricos, à organização de Sociedades e Institutos culturais, dentro das diversas especializações, à criação dos grupos corais, dos ranchos rigorosamente típicos e verdadeiros, no valor dos trajes, das dansas e dos cantares e organização de cortejos agrícolas e festas de sabor local.

Todo êste impulso caloroso de civilização gradualmente se tem operado no nosso País.

Falta, porém organizar-se entre nós, o que demais é frequente lá por fora, um Congresso de tradições populares.

Referência especial merece também e neste ligeiro correr

da oliveira, que dominava o sítio. Que seria, que não seria? — pergunta-me eu. E' que, bem o vi, depois, uma e muitas vezes, andava por ali à cata um velho gaio malvado — o melro estava-lhe de atalaia, mas vingou o ninho. Para desforra o gaio atirou-se aos pardais. Certa manhã quente de Agosto, à luz de um radiante sol-imperador, um bando de pardais envolveu o gaio velhaco — a luta, renhida, travou-se à bicada, deram-se, pingavam do ar as penas e gotas de sangue dos pardaisinhos feridos — mas o gaio foi vencido e caiu morto. Algum tempo depois, como uma nívem, sempre recrescente e movediça, os pardais cingiram, perseguiram, enovelaram-se no milhãfre, cembobrando os esforços a cada nova arremetida, comovete epopeia heróica na defesa do pequeno inofensivo contra o grande opressor. Tombaram os pardais às dezenas: o milhãfre, por fim, veio desprendido e inerte estatelar-se no quinchoso. Foi outra lição, que não esqueci, nem esqueço... Hiu Hiu...

(Continua)

«O teu amor e uma cabana». Não é tão ridículo e vulgar como parece. Há cabanas lindíssimas. Infelizmente, o amor é que é raro.

O homem é dotado de inteligência. Por isso, quando pensa em uma solução, encontra várias — e tem de escolher. Escolhe quasi sempre a pior. Nos mesmos casos, o animal só encontra uma, mas é sempre a melhor. Tôdas as crianças são pequenos prodígios de inteligência, antes de serem os parvos que enchem o mundo. A inteligência é uma faculdade de inadaptação.

A maior parte dos homens inteligentes vive como se fossem imbecis. A inteligência para nada mais serve na vida do que para fazer a crítica da vida.

Remy de Gourmont

de sínteses, a publicação da «Etnografia Portuguesa», do sábio dr. Leite de Vasconcelos, obra de conjunto, de análise e de estrutura geral, quanto à história da terra e do povo, valioso manancial de erudição, que honra a ciência portuguesa.

Em tradições, costumes e sobretudo em folclore, anda muita coisa ignorada e perdida à roda do nosso concelho.

Algumas recolhas a nossa paixão tem feito.

Mas para que tudo se pudesse fazer, com vantagem e interesse, só organizando uma Comissão efectiva sob a orientação da Sociedade de Martins Sarmento, que percorresse a extensa zona do concelho de Guimarães, e arrecadasse, na pureza da origem, as tradições, o dialecto, as frases feitas e os ditados.

Já tivemos a honra de fazer estirada proposta neste sentido, no seio da Direcção daquela prestante colectividade, e que um dia terá possível realização.

Em resumo, diziamos: Pelo directo contacto com alguém do povo, o folclore seria apanhado na riqueza do seu cancionero e romanceiro, e um completo inventário dos seus trajes e a relação variada das suas dansas, dos seus divertimentos e das suas apertias de lavoura, se faria também com o indispensável rigor de verdade.

Recolher-se-iam os nomes dos cantadores e cantadeiras mais afamados e dos improvisadores mais brilhantes de faísca repentina, ajuntando dêles uma amostra do seu valimento poético.

Dariam, depois, estes nomes, uma relação muito curiosa e nova, um saboroso estudo de galeria, onde figurariam desconhecidos e humildes valores.

No Brasil, os livros dêste género são frequentes, e os consagrados desta laia aparecem, vindos de tôdas as camadas de mestiçagem que gravitam naquela grande Nação.

Os cantadores e poetas populares, as músicas sertanejas dos sambas e as modinhas, têm de há muito, ali, a sua nomeada em livros de bons autores.

E pelas nossas aldeias, quantos ignorados fazem com modesta simplicidade, ao jeito dos antigos improvisadores de rimas para os cegos, cantigas ligeiras para as cascatas de S. João, para as rifas dos presépios, para os Reis, para os testamentos dos Judas e algazarra de Carnaval!...

Essa Comissão inquiriria, também, do valor das indústrias caseiras de cada freguesia, colhendo dos mais curiosos e artísticos produtos, uns desenhos ou fotografias, obtendo os nomes dos abridores de jugos, dos ornamentadores das espadelas e espadeladours dos conversados, das feitureiras dos bordados e dos architectos dos andores e arcos, monumentos soberbos de romaria de inegalável imponência, na ingenuidade brincada dos seus effeitos de recorte e do seu simbolismo de maravilha.

Do restante se inquiriria, pela confiança dos párocos, dos professores e autoridades paroquiais.

Mas tudo isto, a nosso ver, devia ser feito directamente, em palmilhada penitência.

Ao cabo, estaria realizada uma obra do mais alto merecimento.

Alberto V. Braga.

J. Mota Prego de Faria
MÉDICO

Doenças de crianças. Clínica Geral. Com prática nos Hospitais de Lisboa.

Consultório:
R. da República (baixos da Associação Commercial).

Residência:
R. de Santo António, Telefone 91 - Consultas das 11 às 13 e das 16 às 18 h.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

VÁRIA

S. Gualter

Da Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285), manuscrito do Século XV, que é uma tradução portuguesa da vida de S. Francisco de Assis e da ordem monástica por êle fundada, que a Académia das Ciências de Lisboa publicou, com introdução, anotações, glossário e índice onomástico do insigne José Joaquim Nunes, académico eminente, extratamos o que se refere a S. Gualter (Galteiro, Galter, ou Galterio), e que vem no vol. I, pág. 19:

«E em o Convento de Guimarães, que é no reino de Portugal, entre os frades primeiramente enviados por S. Francisco foi Galteiro, mui devoto e perfeito, o qual por tam clara e famosa santidade resplandeceu que largamente trazia as gentes à devoção da Ordem, e por vida e exemplo os reformava em bem. E, como êle ali passasse desta vida, segundo dizem, manava ôto da sua sepultura, até que o seu corpo foi trasladado, o qual dava a muitos enfermos remédio de saúde. E aconteceu (aquecco) que os frades mudaram o Convento mais acerca da Vila. E os Cônegos daquele lugar, reparando como Frei Galter resplandecera por tantos milagres, esforçaram-se uma noite de ir cavar o moimento em que jazia o santo corpo do servo de Deus para o traspassarem à sua igreja, mas, como quer que muitos clérigos cavassem a pedra do sepulcro em derredor e se esforçavam de a mover ou de a levantar, em nenhuma guisa nunca puderam. E êles, vendo que a não pudiam arrancar, cavaram a pedra mais fundo e cataram rogas e puseram muitos bois que tirassem e tentaram demover a pedra, mas por a virtude de Deus nunca a puderam mover. E os Cônegos, maravilhando-se muito da virtude de Deus que pusera em seu Sápto, foram-se dali. Em outro dia por a manhã entenderam os Frades o que haviam feito e trabalharam de traspassar ao Convento o corpo santo. E foi certamente cousa de maravilhar que alguns poucos Frades, pondo as mãos em a pedra do sepulcro, a le-

vantaram ligeiramente e trasmutaram, a qual antes não puderam mover multidão de homens e de bois. E assim levaram o corpo santo e deram-lhe sepultura honrada em o convento novo.

Na História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal, Frei Manuel da Esperança refere o que havia apurado na tradição e na lenda. S. Gualter, com seu companheiro, caminhando descalço, mortificado e pobre, ordenou uma choupana de ramos junto a uma fonte, nas abas da Serra de Santa Catarina, a qual veio, por isso, a chamar-se Fonte Santa (nome porque ainda hoje é designada) ou Fonte de S. Gualter, e aí praticou suas orações, vivendo das esmolas dos devotos, que doutrinava. A instâncias dos moradores da Vila, não foi, porém, até que se fundou o primeiro Convento da Ordem, mas no Campo do Cavalinho, de Vila Verde, com entrada por um caminho, que ia da Fonte do Amor pela porta da quinta do Alvim, até que, em virtude da doação feita em 1271, se passou para a Albergaria ou Hospital do Concelho, onde se recolhiam os pobres, que passavam pelo caminho, junto à Torre Velha, também conhecido pelo Recolhimento do Anjo.

A dôr humana, meu amigo... o mesmo Cristo chorou pensando nela, e da Cruz o seu último olhar foi de piedade.

Coeelho Neto (Bras.).

Esta breve alegria de olhos humanos — a forniosura...

Camilo.

E daremos aqui ao leitor, postos em letra moderna, os Arrenguos que fez Gregorio affonso criado do bispo Devora, e que pode encontrar no Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende, tomo IV, pág. 1 a 11.

Arrengo de ti, Mafoma, e de quantos creem em ti.
Arrengo de quem toma o alheio para si.

A minha Terra

Cá de longe eu te vejo noite e dia
No espelho da pungente saúde!...
Tu sabes lá, ó Terra, a nostalgia
Que minh'alma de dor, inteira, invade!

Cançado, ó minha Terra, eu só queria
Poder, hoje, voltar àquela idade,
Que abraçadinho a ti eu me sentia
Tam forte de ventura e mocidade!

Meu Castelo roqueiro e destemido!
Monte da altiva Penha enriquecido
De vistas que outro monte iguais não tem!

O' meu Selho brandinho e tam formoso!
O' sol de Guimarães, esplendoroso!
Minha Terra d'amor, ó minha Mãe!

Agosto de 1938

DELFINO DE GUIMARÃIS.



António José Pereira de Lima
Representante da Câmara Municipal e Presidente da Comissão Executiva das Gualterianas.



Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto
Presidente da Câmara Municipal de Guimarães.

O QUE LHES DEVEMOS

A's Festas Gualterianas vemos um pouco do progresso que atingimos desde certa época em diante. Se elas se não houvessem realizado — e com um brilho não muito em uso em terras de província — estaríamos ainda nesta altura jazendo naquele marasmo de todos conhecido e que deveras se assinalou com uma nota tristíssima da vida de uma povoação que já tinha direito de ser, pelo menos, o que é actualmente.

Somos do tempo em que a nossa terra estava enfeudada à polítrique rotineira, retrógrada, senhora de tudo, dispondo de tudo, sem imprimir beleza a coisa nenhuma e fazendo-nos caminhar à semelhança do caranguejo. Lembramo-nos perfeitamente do modo como vivíamos, da disposição até em que vivíamos, já conformados com a sorte que nos fôra destinada, que é como quem diz — inteiramente inclinados a viver uma vida quasi degradante à força de ser sempre, sempre a mesma coisa. E foi então que surgiu a ideia das festas e a sua efectivação durante muitos anos com extraordinário esplendor, tornando a nossa terra conhecida e fazendo crer a muitos que eramos uma colmeia de indivíduos decididamente resolvidos a caminhar para a frente.

Nada perseverantes, porém, e deixando-nos exaustos, por pouco cautelosos, dentro em breve interrompimos a realização das festas durante alguns anos, posto que elas tivessem concorrido para que nos tornássemos conhecidos de norte a sul de Portugal.

Mas a população, em grande maioria, teimava em que voltássemos a fazer as nossas festas de verão, com todo aquele entusiasmo com que haviam,

há longos anos, sido iniciadas, e, a despeito de muitas dificuldades e más vontades, elas voltam a efectivar-se com brilho, fazendo-nos recordar, saudosamente, quantos nesta terra trabalharam com denodo pelo seu bom nome e por demonstrar a estranhos o seu real valor.

Temos, é verdade, muito em que pensar, muitos trabalhos a executar para que possa com desassombro afirmar-se que Guimarães é uma terra progressiva. Sim, não nos iludamos; as festas Gualterianas não são, só por si, o expoente máximo de realizações quanto a este povo essencialmente trabalhador e bom.

A existência de um povo, como a existência individual, carece, a espaços, de refrigério na luta constante que tem de manter com elementos de variadíssima espécie. E a alegria — expansão salubérrima — que se manifesta por modos diferentes, é a nota particularmente interessante e valiosa para tornar feliz a existência humana.

Cantar, bailar, num despreendimento de cuidados que assegure um pouco de paz em meio de tanta amargura, — que outra coisa não é a vida na realidade —, é mostrarmo-nos dispostos a esquecer o que só é prejudicial aos que tiveram a infelicidade de nascer.

Porque, enfim, o mais feliz será aquele que melhor souber viver.

Além de que as festas têm a grande vantagem de despertar na população e no próprio Município o desejo, que quasi sempre se realiza, de fazer melhoramentos públicos que nunca seriam levados a efeito se as festas se não fizessem. E isto é bem sabido de todos os vimezanenses.

Quantos melhoramentos fo-

ram efectuados desde que em Guimarães se fazem as festas Gualterianas! Quantos!

Logo, temos que reconhecer que lhes devemos muitos benefícios e que, por isso, se impôs a necessidade de as mantermos, embora sem exageros, que nos façam decair, como já aconteceu.

R. CAMISAS ADÃO.

ADÃO

Camisas ADÃO. As melhores. Corte por escala. Perfeito acabamento. Padrões exclusivos.

Só na

LOJA DAS CAMISAS (junto ao Café Oriental) e na CAMISARIA MARTINS.



João Fernandes de Melo
Iniciador, em 1906, das Festas Gualterianas.

Da minha concordância...

Festas da Cidade

Guimarães, a laboriosa e honrada Guimarães, depois de largo período de letargia, faz reviver no corrente ano as suas Festas Gualterianas, imprimindo-lhe brilhantismo notável.

E este facto regosija-me, não porque ele sirva de motivo para movimentar mais os meus negócios, que infelizmente não possuo, mas sim por entender que um povo que realiza estas manifestações dá provas inequívocas da sua vontade de viver, de não querer ficar atrás — de marchar em frente!

E, na verdade, assim é: Uma terra que não realiza, que pára, que estaciona — ou já tem tu-aquilo que lhe falta, e isso nunca se consegue!, ou então está doente e, nesse caso, preciso é, necessário se torna, insuflar-lhe nova vida, dar-lhe novas forças.

E deste mal, desta doença a que aludo, sofreu Guimarães largo tempo, muito tempo...

Assim sendo, a realização das Festas Gualterianas — tal como vai ter lugar no ano que decorre — regosija-me porque, através dela, antevejo uma nova directriz a marcar os destinos de Guimarães, directriz essa que, a prosseguir-se nela, nos conduzirá à ampla e larga

estrada do progresso por onde caminha Portugal.

Já algures o escrevi: — As festas são prova de vitalidade de uma terra e de um povo.

E ainda hoje encontro absoluta confirmação para estas palavras, porque julgo que um povo que se diverte, que se anima — embora o faça de longe em longe — que procura atrair os outros até a si para verem e admirarem o que ele possui de belo e grandioso e ainda o que é capaz de realizar, prova de maneira irrefragável que é possuidor daquêle orgulho que irradia da sua própria consciência — a consciência do que é, do que pode e do que vale.

Portanto, a efectivação das Gualterianas, que o Município Vimezanense — neste caso credor de sinceros aplausos — patrocina, é, sem dúvida, um grito de consciência dos Vimezanenses, grito esse que encontra eco num passado longínquo e glorioso, embora até nós chegue um pouco amortecido pelas naturais vicissitudes e dificuldades dos tempos que vão correndo.

Eis, pois, demonstrada a ra-

Guimarães e as suas Festas

Quando em 1923 se realizou — juntamente com as Festas da Cidade — a Exposição Industrial e Agrícola deste Concelho, alguém escreveu sobre esse memorável certamen o seguinte: «O esforço de um povo que trabalha e crê no progresso, poderá ser difícil; mas é sempre útil, nobre e proveitoso». Estas poucas palavras traduzem em toda a sua extensão o que é, de facto, o povo do nobre e laborioso Concelho de Guimarães, povo que sabe aliar o esforço da vontade ao do trabalho, qualidade que se torna indispensável em todas aquelas pessoas que lutam com fervoroso sentimento bairrista e patriótico pelo engrandecimento da sua Terra. Com os vimezanenses assim acontece, razão por que — em íntima comunhão de esforços e integrados no mesmo pensamento, todos aplaudem nesta altura, com imensa satisfação, o ressurgimento das já antigas Festas da Cidade ou Festas Gualterianas. Trata-se, pois, de manter uma tradição que vem de 1452, data em que D. Afonso V criou a Feira de S. Gualter, que, então, poderia prolongar-se por um espaço de tempo de 10 dias ou seja de 7 a 17 de Agosto, transferida no ano de 1498 para os dias 15 e 25 do referido mês. Depois de decorridos alguns anos, passou a ser realizada no primeiro domingo do mesmo mês de Agosto, vivendo largos períodos de cadência até 1906, ano em que a Associação Comercial lhe deu um impulso tam importante, que fez transformar a decadência do passado em brilhante e fe-

liz ressurgimento! E como há factos que se repetem, eis que novamente surgiu a decadência nos últimos anos, desaparecida no ano corrente pelo quasi milagre de um novo ressurgimento, que deve ser uma lição e um estímulo, por que mais uma vez se provou o quanto pode e o quanto vale a vontade de ser útil ao progresso de Guimarães. Se uns podem atribuir um significado inferior à realização das Festas da Cidade, outros, pelo contrário, reconhecem que essa inferioridade é um sinónimo de indiferença, ou mesmo de desprezo pelo nível de engrandecimento a que deve ser elevada esta Terra. São estes os que melhor sabem compreender a necessidade de alargar os horizontes da propaganda Industrial, Comercial, Monumental e Turística de Guimarães, Terra que tem direito à própria Consagração Nacional. Justo é, portanto, que nos homens que dirigem os seus destinos haja força necessária para movimentar tanto quanto possível a alavanca do progresso. Porque, como diz Afrânio Peixoto no seu livro «Viagens na minha Terra»: «Além do ar histórico, tem Guimarães um presente ar lindo, de sua atmosfera, sua planície, sua verdura, sua água, que dá tempera ao aço e fia bem o linho. Guimarães industrial, cujo encanto de trabalho e riqueza e gosto jamais esquecerei, eu, filho pródigo, nem a sua boa mesa provida de torta e tocinho do Céu!

E que gente! Tão boa e tão amiga, que, acreditio, reconheceram o parente....»

Como se vê, todos estamos de acôrdo.

zão da minha concordância com a realização de Festas.

Agosto 2

J. Gualberto de Freitas.

Guimarães, Festas da Cidade de 1938.

M. Menezes.



José Luis de Pina
Componente da Comissão Executiva das Festas e delineador da Marcha Gualteriana.



Silvino Alves de Sousa
Presidente da Associação Comercial e Industrial e membro da Comissão Executiva das Festas.

Pequena novela

Uma visita à Cidade

- Fumas se...
- Pode ser...

- Mas antes, o que resta na taça, seja pelo nosso futuro!

- O nosso futuro... Acreditadas, José, que o nosso futuro poderá decorrer par a par, lado a lado, momento a momento como uma só alma num só corpo?

- Gabri... e porque não?

- Ache-te leviano, estoiravêrgas demais, videirinho que o vento agita e toca aqui, larga acolá - dedicar-te-ás a uma só mulher?

- Será possível Gabri quando essa mulher reúna tantas faculdades que a minha insatisfação possa encontrar o seu repouso...

- Há quanto tempo buscas esse Cabo das Tormentas?

- Desde que abri passo às velas da minha nau e vogo no Oceano das Descobertas...

- E quantas regiões e mundos novos surgiram ao meu Piloto?

- Tantas, minha Gabri, que me julgo êmulos dos heróis do século XVI...

- Presunsozo...

- Adoro as dificuldades; amo os perigos e a vida, para mim, só tem sentido, aonde encontro luta...

- E dos teus combates...

- ... saio vencedor ou vencido, mas sempre com galhardia!

- Por isso, quando navegas na Ilusão ou na Realidade, descobres ou perdes mas sempre com a tal galhardia...

- Tens razão. E lembro-me que foi assim que tive a ventura de te encontrar: lutando e...

- ... A conclusão talvez seja hipotética. E' melhor não concluir...

- Pois se foi para tirar as conseqüências que hoje te chamei a esta reunião!

- Acredito tanto no que afirmas como estou convencida que regresso como cheguei, porque não posso acreditar-te.

- Gabri: a época agitada que vivemos outrora acabou. Nem sei de quem foi a culpa...

- A mulher é sempre a culpada, José; diz, fui eu... vá!

- Ambos tivemos culpas: tu orgulhosa a um tempo e infantil por outro; eu valdevinos, viajero ao sabor dos cobres que meu Pai me dava para me especializar fora do País - não olhámos ao sentido do nosso futuro...

- E agora...

- Eu já reparei e concluí que só tu poderás compreender-me.

- Mas foi por te compreender, por te achar - como direi - por te achar cabecinha no ar, que te esqueci...

- Ouve Gabri: procura agora recordar-te de mim neste Presente que é diverso do Passado e vamos erguer o Porvir pouco a pouco, dia-a-dia, como se fôra ainda a sorver a taça do champagne que está quasi no fim...

- Bebamos o resto, meu José?

- Bebamos para dar fim a um novo principio...

Jorge da Costa Antunes.

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimaranesa)

O TOURAL

Parece que o referido juiz de Fora procedera bem, pois de um outro documento inserto no mesmo mencionado livro consta que a torre da Senhora da Piedade fôra demolida porque dava uma disforme entrada à vila e perigosa à passagem dos carros e habitantes e que se determinara a edificação dos novos prédios no local da demolição em linha recta aumentando ou diminuindo em algumas partes de forma a não prejudicar a extensão do terreno e o novo alinhamento de construções, segundo um plano previamente estudado e aprovado.

Havia nesses afastados tempos, no Toural, um chafariz com 6 bicas feito em 1555 e destruído em 2 de Junho

VI Comentários

Um dos melhoramentos em curso que me deixou encantado foi o restauro dos antigos Paços dos Duques de Bragança, obra importantíssima sob vários aspectos, visto tratar-se de um edificio do século XV e considerado o maior monumento português da Arquitectura Civil medieval. Bastaria esta última circunstância para justificar a louvável resolução do Estado, mandando proceder ao restauro daquela reliquia Vimaranesa e simbolo de um passado com que se fizeram as mais sublimes páginas da nossa História. Guimarães, a linda e tradicional Terra portuguesa da encantadora Província do Minho, é a detentora das mais estimáveis preciosidades que recordam a fundação da Nacionalidade e, bem assim, o heroísmo e o amor pátrio daquêles que em tempos muito remotos tanto dignificaram a Pátria Amada! Justo é, portanto, que a justiça a que os Vimaraneses têm direito não deixe de se sentir, muito principalmente por parte de quem mais se deve interessar por ela. E' o que se dá com o restauro dos Paços dos Duques de Bragança, o mesmo que dizer com o regresso às características da época em que foi construído esse grandioso e histórico Monumento. Uma vez transportado para a primitiva construção - se é que se pode dizer assim - formar-se-á um conjunto soberbo, ou melhor, um Santuário Nacional, com o edificio restaurado, a Capela de Santa Margarida, onde foi baptizado D. Afonso Henriques, e o Castelo. E como eu, tódas as pessoas que ali vão contemplar o significado das pedras denegridas pelo rolar dos séculos, sentir-se-ão felizes por se encontrarem junto de um dos mais sagrados Altares onde se pode venerar a fundação da Nacionalidade. E' ali, ainda, que a monotonia do silêncio se transforma em consoladora recordação do que foi a bravura e o Civismo dos nossos antepassados!

1938 - Agosto, 3.

Zé da Aldeia.

S. TORCATO

No nosso último numero fizemos referência a um facto passado em S. Torcato e que nos foi contado pelo sr. Manuel da Silva Leite, da mesma localidade. Somos, porém, informados, por pessoa que nos merece toda a consideração, que as coisas se passaram de maneira diferente e por esse motivo cá estamos a dar publicidade aos informes que nos foram fornecidos:

1.º - Quando vem aqui qualquer excursão, como a do outro dia, geralmente nenhum dos seus membros procura o templo, nem o nosso Santinho, e, se entram à Igreja, nem um centavo cai na caixa das esmolas. Porque motivo há-de a igreja asso-

de 1873 para o jardim do Carmo, onde ainda está. Em 1634 a Câmara Municipal pagava 40 mil reis a quem cuidava dos canos que conduzia a água para este chafariz que era sobrepajado por uma esfera de bronze dourada. Ali se via também um cruzeiro de pedra lavrada erecto em 1650 pelo juiz da Irmandade de N. S. do Rosário, na extremidade norte do Largo e constava de uma Cruz sobre uma columna corintia, cuja base estava fixa em um patim para o qual se subia do pavimento da praça por 5 degraus onde estacionavam as vendeadoras de panos de linho e de estôpa, motivo de que adveio a este cruzeiro o nome de Cruzeiro do Fianço que estava situado paralelo ao chafariz e em frente do Postigo de S. Paio. Junto deste dito cruzeiro armavam um estrado para a quebra dos escudos, cerimonia em que tódas as cidades e vilas de Portugal se procedia depois da morte dos reis.

Tódas as procissões, saindo em geral do Largo da Oliveira, vinham desfilir pelo Toural, passando em volta do cruzeiro, e no meio de uma multidão

ciar-se a festas de quem nada quere com a Igreja?

Sobre este ponto, quando o queixoso pediu para baterem os sinos, foi-lhe dito pouco mais ou menos o seguinte:

«tocam os sinos, mas V. paga 10\$000, e, se os excursionistas derem qualquer esmola, V. recebe os seus 10\$000».

2.º - Quanto aos 20\$000 exigidos ao queixoso pelo aluguer do terreno, onde havia de ser servido o jantar, a Mesa tinha motivos para assim proceder. Ele não pagou aquela quantia, mas, enquanto não cumprir, não dará no terreiro mais jantares, durante a nossa gerência.

Usamos assim para com ele, mas só com ele, por estas razões:

a) levou-nos pelas fotografias, pelo que custou 5\$00, a bagatela de 72\$00;

b) levou-nos por um quarto, onde descansou no domingo da festa um dos officiaes da guarda, 5\$000;

c) afastou a concorrência dos vendedores, que pretendiam vir à romaria, ameaçando-os, no que nos prejudicou, porque fôram lugares, que a Irmandade perdeu;

d) aquêles, que vieram, perseguiram-nos, dentro dos terreiros do Santo, chegando no abuso de chamar, sem a ninguém falar, praças da guarda, a fim de aplicar multas e levantar autos;

e) pôr em cheque a honradéz de certos mesários, pelo que devia entrar na cadeia.

Já com o Sr. Pimenta se deu um facto, que obrigou este a dispendir 700\$000, porque nunca escreve ou fala este sr. queixoso, sem comprometer alguém.

1.º P. S. O queixoso diz que, procedendo assim, afastamos os forasteiros. Deveria, antes, dizer que lhe afastamos a freguesia. Mas não é necessário tirar-lhes os fregueses, porque de tal maneira foram servidos o outro dia, que juraram não mais lá voltar.

2.º P. S. Agora mesmo soube que no «Janeiro», em um dos numeros a seguir à excursão, que se realizou no domingo, dia 17, o queixoso, que é o correspondente daqui, escreveu que nós exigimos os 20\$000 aos excursionistas.

Isto é uma calúnia, mas dizem-me que ela pegou, porque aí se comenta ásperamente nos cafés este facto (facto inventado, é claro).

Desastre

Na estrada Mafra Sintra há em Cheleiros uma descida já hoje célebre nos anais dos desastres. O motorista desprevenido entra na descida de Cheleiros e quando dá pelo perigo que corre em não ter embraiado o seu carro, já nada pode fazer senão esperar que a sorte o favoreça.

Há-de andar pela casa das centenas, se não passou já, o número de desastres ocorridos na traiçoeira descida de Cheleiros. O último deu-se no passado dia 20 de Julho com uma camionete proveniente de Coimbra, em que uma pobre mulher perdeu a vida e o marido um braço, ficando os restantes passageiros mais ou menos feridos. Cuidado, motoristas, com a fatídica descida de Cheleiros!

Câmara Municipal

Sessão de 28 de Julho - A Câmara aprovou o caderno de encargos para o fornecimento da obra de serralharia para as retretes publicas do L. do Trovador; autorizou diversos pagamentos entre elles um de 7.000\$000 a Casa dos Pobres; mandou que pela Repartição Technica fossem colhidas propostas para a reparação exterior dos seguintes prédios municipais: Tribunal, Escolas Centrais, G. N. R. e Convento das Dominicadas; aceitou as condições apresentadas pelas Irmandades de S. Pedro e das Almas, erectas na Basílica de S. Pedro, acerca da colocação, na

de povo, umas pessoas alcandoradas no muro do Toural. Em geral eram esplendorosas estas procissões, formadas de várias irmandades, representadas por irmãos envergando opas de diversas cores, comunidades religiosas, frades, monges e outras entidades monásticas, e em que entravam danças, anjos e andores com imagens de várias invocações.

Actualmente este Largo é o ponto da cidade mais concorrido da elite vimaranense. É um lugar de ostentação de elegâncias, uma espécie de Chiado da masculina população aristocrática da terra. Ali se reúnem, às tantas da tarde, quer da primavera quer do verão os habitués em uma alacore convivência, de camaradagem e fraternização. Ali se fala de tudo e até... se presta culto à bisbilhotica.

Já foi outrossim um ponto forçado de comunhão de ideias politicas.

Posto isto, resta-nos por último di-

torre do mesmo templo, do relógio monumental, com uma alteração à 3.ª clausula, dando todos os poderes ao sr. Presidente para assinar a respectiva escritura; aprovou o projecto de reparação das escolas de S. Paio de Vizeia; tomou conhecimento do despacho do sr. Ministro da Educação Nacional autorizando que a entrada no Museu Alberto Sampaio seja gratuita durante as Festas Gualterianas nos dias 6, 7 e 8 de Agosto; aprovou, também, em sessão de 15 do mesmo mês, as bases de um contrato com a Empresa Termal das Caldas das Taipas, para a construção e modificação dos velhos balneários daquela localidade.

Sessão de 29 de Julho

A Câmara Municipal deliberou: aceitar uma proposta de Sebastião de Freitas para a pintura dos bancos do Jardim Público, na importância de 200\$000; conceder o subsídio de 200\$000 à Junta de Freguesia de S. de (S. Martinho) para melhoramento de uma fonte, no lugar de Tarrio da referida freguesia; aceitar a proposta de Joaquim Fernandes Júnior para reparação e adaptação das antigas retretes da Praça do Mercado e bilheteira do mesmo mercado pelo preço de 750\$000; aceitar a proposta de João António da Silva Guimarães para a construção de uma baraca na Praça do Mercado pela importância de 2.000\$000; pagar aos Bombeiros Voluntários de Vizeia, adeantadamente, as importâncias dos subsídios de renda de casa e camarário referentes ao corrente ano.

Impostos indirectos - A Câmara tomou conhecimento de um officio dimanado da Associação Commercial e Industrial no qual pede para a cobrança dos novos impostos indirectos Municipais ter inicio no dia 1 de Outubro e não em 1 de Agosto, conforme editais afixados.

Sobre o assunto a Câmara resolveu manter a cobrança dos impostos indirectos desde o dia 1 de Agosto, quanto ao comércio avulso, sendo facultado ao comércio fixo a apresentação das propostas de avença até 30 de Setembro do corrente ano.

A CAPA

do «Noticias de Guimarães»

E' da autoria do Mestre-Pintor de Arte e nosso querido Amigo e Contemporâneo, sr. Abel de Vasconcelos Cardoso, o desenho que ilustra hoje a primeira página do «Noticias de Guimarães». O magnifico carvão que o Ilustre Artista fez expressamente para o presente numero do nosso jornal representa um recanto da frontaria da Igreja de Santa Maria da Oliveira de Guimarães. Trata-se de um trabalho que muito fica a honrar o nosso jornal e o seu Autor que, assim, uma vez mais nos deu prova da sua amizade. «Noticias de Guimarães» fica-lhe muito grato e aproveita a oportunidade para transcrever a seguinte apreciação que, nas suas columnas e no numero 101 do mês corrente, a interessante Revista «Pensamento» publicou, com referência ao Mestre-Pintor de Arte Abel Cardoso:

«O mestre pintor de arte Abel Cardoso

Um artista poderoso de emoção, profundo de técnica. Absolutamente pessoal, estritamente tipico. No instante doloroso em que a pintura plástica ameaça o desinterecse, este excepcional pintor, obriga-nos, força-nos a deter ante a sua obra, obra embuída de recentismo, tocada de sinceridade, impregnada de vida. Não; a pintura com o talento deste homem não decaí nem fenecer. Uma rajada de humanidade foca quadro a quadro, tema a tema a galeria vasta e nobre de Abel Cardoso. Grande preferindo a paisagem, grande preferindo o retrato. O mestre-pintor de arte Abel Cardoso é ele, resume-se nele, compendendia-se nele. Não lembra acaso este pintor célebre, não sugere acaso aquêl artista de nomeada. Másculo, decisivo, enérgico como individualidade que pisa firme o terreno. Intenso, comovente, suggestionador como artista da tela que domina vitoriosamente. Alma que gesta, alma que prescricuta, a terra portuguesa do norte - o seu Minho ingénito - deve-lhe

zer em poucas palavras o que pensamos sobre a troca do nome do Toural, a que acima nos referimos.

Embora os vimaranenses, com a nova denominação do Largo, tenham querido enaltecer a memoria do primeiro rei, não deixa de ser impróprio o local em que o homenagearam.

O nome de Toural tem a consagração de muitos séculos e está intimamente ligado à história local. Faz parte integrante da maioria dos factos que no antigo burgo succederam. E' um lugar histórico, assinalado nos seus gloriosos fastos.

Que lugar mais adequado para esse fim do que do Castelo, nas suas cercanias em que vivem e porventura nasceu? Para corroboração do que afirmamos, haja vista o que se vai fazer na capital, por suggestão feliz do actual Presidente do Ministério e Ministro das Finanças, dr. Oliveira Salazar, erguendo-se ao dito rei uma estátua não em qualquer praça pública, mas no largo em frente do castelo de S. Jorge que é sem dúvida o local mais próprio.

E' preciso fazer reviver o nosso

Câmara dos Solicitadores do Distrito Judicial do Porto

A Câmara dos Solicitadores do Distrito Judicial do Porto realizou no passado domingo e a exemplo dos anos anteriores, o seu passeio annual de confraternização e foram recebidos pelos seus colegas desta cidade e outros elementos do fóro vimaranense, às 11 horas, na Sala do Tribunal Judicial.

Entre outras pessoas eram ali aguiardados pelos ilustres advogados srs. drs. Eduardo de Almeida, João Rocha dos Santos e António Amaral, escrivão Serafim José Pereira Rodrigues, solicitadores Francisco Faria, Augusto Silva e Manuel Bernardino Ferreira, dr. Teles de Abreu, Chefe da Secretaria Judicial, etc., etc.

As boas-vindas foram-lhes dadas pelo talentoso advogado e nosso querido amigo sr. dr. Eduardo de Almeida, num breve mas brilhante improviso, respondendo, a agradecer, o solicitador sr. Jerónimo Ferreira.

Seguidamente partiram para a Penha onde às 13,30 horas se efectuou o almoço de confraternização, no Hotel da Penha, decorrendo no meio da maior alegria e ao qual assistiram os srs.: dr. Bento de Melo e sua ex.ma esposa sr.ª D. Maria Fernanda Ribeiro de Melo, do Porto; dr. Germano Amorim, dr. António de Faria Lima e dr. Gaspar de Abreu, dos Arcos de Valdevez; dr. Eduardo de Almeida e dr. Teles de Abreu, de Guimarães; José Dias de Almeida, de Paredes; Teodorico de Sousa Lima, António Alves da Silva Júnior, Manuel dos Santos Ronda, do Porto; Manuel Teixeira e José Barbosa de Freitas, de Paredes; Daniel Rodrigues Adegas, José Martins de Oliveira Santos, Jerónimo Ferreira e esposa D. Joaquina Alves Mesquita Ferreira, Júlio Baptista Couto, Miguel da Silva Vilarinho e esposa D. Noémia Vilarinho, José Justino Botelho de Carvalho, David Francisco Ferreira, Bernardo Gomes de Amorim, Mário Magalhães, José Gonçalves de Magalhães, Manuel Camanho, Narciso da Silva Matos, sua esposa D. Laura Matos e filha D. Maria Madalena Matos, António Teixeira Diniz Júnior, Alberto António Beira, Arnaldo Fernandes Fonseca, Albino Vieira Ramos, Albino Pinto de Carvalho, Alfredo de Abreu Leite e Melo, José Augusto Jorge, José Soares de Oliveira, Augusto de Oliveira Barbosa, José Estréla Brito, Artur Belezza de Vasconcelos, Primo Campos, António da Costa Mascarenhas, Miguel Guedes Bonito, Fernando Joaquim da Assunção Matos, António Trindade, José Alfredo Lopes Freitas, do Porto; Francisco de Faria, Augusto Joaquim da Silva e Manuel Bernardino Ferreira, de Guimarães; Adriano Augusto Teixeira Cardoso e Abel Nunes de Azevedo, dos Arcos de Valdevez; Júlio Ferreira de Magalhães e Manuel Augusto da Silva Brandão, de Paredes; Serafim José Pereira Rodrigues, de Guimarães; Manuel Machado, idem, representantes da imprensa, etc., etc.

O serviço foi bom, honrando uma vez mais o concessionário do Hotel o nosso amigo sr. Manuel Gonçalves.

Ao champagne brindaram os srs. dr. Gaspar de Abreu, dr. Bento de Melo, Manuel Camanho, dr. Teles de Abreu, dr. Eduardo de Almeida, Miguel Vilarinho, Francisco de Faria e Artur Belezza, terminando aquela festa pouco depois das 17 horas, no meio do maior entusiasmo.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido e tódas as gentilezas que nos foram dispensadas.

instantes supremos de paixão estésica. Encantos de longes, remanços de arvoredo, extasis de levadas, canduras de alvorada e de crepusculo ou figuras, tipos, caracteres, hábitos, tudo Abel Cardoso, na sua técnica única, na sua sensibilidade de selecção fixa para nos deslumbrar. Um renovador admirável que surge, que advém em uma hora de perplexidade a indicar o caminho com o claro da sua arte definitiva e edificadora.»

O amor à Terra e à Grei - eis o nosso lema.

Passado, mas de uma forma condigna e justificada. E' por causa do antagonismo, em propriedade e discrepância, que por esse nosso Portugal fora se nota, na toponímia das ruas ou largos, que há uma crassa ignorância da História-pátria nas camadas populares. E' certo, bem o sabemos, que não constitui uma novidade o que acabamos de dizer, mas é uma verdade clara e evidente em que não é demais insistir e pôr em destaque.

No dito Largo do Toural, além do póla, a que nos referimos, e que ali foi erguido, a pedido do Governador das Armas da Província do Minho que para esse fim escreveu ao capitão-mor de Milicias, desta cidade, mandando aplicar os tratos de póla, na praça pública, aos soldados acusados de deserção. Foi o senado municipal quem determinou este Largo como local para aquêl castigo, sendo annunciada esta decisão pelo seu pregoeiro. Tinha 13 palmos de altura e era formado por dois pilares de 3 palmos de largura em quadro com

uma pirâmide cada uma a rematá-lo. Durou este póla dois anos, sendo por fim o seu gróso calabre ou corda cedido aos frades capuchos para guindarem as pedras da construção do seu convento.

A fôrca foi levantada, também, no mesmo sitio, segundo determinação camarária, em 4 de Maio de 1729, da qual foi construtor o mestre pedreiro vimaranense, João Teixeira, depois da obra ser annunciada publicamente pelas ruas da cidade pelo pregoeiro municipal.

Tinha esta fôrca 13 palmos de altura e como remate uma pirâmide. Em 1836 ainda ali se ostentava o dito instrumento de suplicio, como se sabe pela decisão do tribunal judicial em 24 de Maio dêsse ano, contra um reu.

Esta medida tinha por fim castigar a gatuagem e outros criminosos que infestavam os subúrbios da cidade e muitas localidades mais ou menos próximas. Os jornais dessa época são abundantes em noticias dêsse género.

P.º Alberto Gonçalves.

Sem sentido...

A mulher deve assemelhar-se ao caracol que nunca deixa a sua casa mas não deve como o caracol, pôr às costas tudo quanto possui.

Sendo «roubar» sinónimo de «conquistar», um conquistador é um pirata célebre...

Li em certo livro esta definição de luto: é a dôr a longos ou curtos prazos, exigível à vista e paga em fato preto.

Cumulo: vêr as estrelas do céu da bóca.

Frases célebres: «Espera aí que já cospes!», proferida pela Mãe Eva, quando a serpente tentou.

Boletim metereológico para os que vivem com a sogra: se ela atirar com os trastes - há borrasca.

Cumulo: cortar o cabelo à cabeça dum prego.

Conselho aos noivos: se apanhares a tua noiva em uma mentira, sorri e esquece. Se não, ela terá que mentir de novo para explicar a primeira mentira.

Várias maneiras de exprimir o sentido de vêr: cocar, bispar, lupar, fisgar, maucar, destrocer e mirar.

As visitas são vítimas das crianças, que geralmente não têm graça nenhuma. Mas as visitas estão na obrigação de achar «uns mimos de garotos», mesmo que lhes molhem as calças com atrevidosmos líquidos ou lhes pisem os sapatos acabados de engraxar.

Cumulo da distração: dar 100\$000 à nossa mulher para nos comprar duas camisas e ela voltar a casa com um vestido novo.

Uma boa desculpa para os casados: é invariavelmente nossa prima, a moça que passeia conosco sózinha em horas suspeitas.

Diversas maneiras de exprimir a ideia de mandar alguém embora: dar o pinote; dar o foguete; dar o piro; dar a fuga; dar o fóra.

Cumulo da coragem: bater num cavalo-marinho.

Uma vantagem dos pretos: por mais que se lhes batam, nunca se lhes fazem nódoas negras.

Cumulo do disparate: tirar uma pedra da parede do prédio que é para vender, a fim de servir de amostra.

Sabem o que significa uma aranha no teto? Simplesmente falta de vas-soura.

Sabem porque razão se chamam aquêles telefones elegantes, decorativos: apto-fone? E' porque só o podem ter, quem estiver apto a dar 100\$000 para a sua aquisição.

Cumulo da delicadeza: ir jantar a casa dum amigo e à despedida este perguntar-lhe quando volta para jantar outra vez e o convidado dizer: - Já, se quizer.

Um pai se vai tirar informações do namorado da filha, está fazendo a análise da oração e procura conhecer o sujeito.

(Original e adaptado)

LISBOA Rollin de Macedo.

BOM CONSELHO

O melhor sortido de calçado de verão, o mais perfeito, durável e mais barato, em lona, com piso de borracha, e em cabedal,

só na (131)

Camisaria Martins.

Calçado Martins.

Lêde e propagai o «Noticias de Guimarães»

uma pirâmide cada uma a rematá-lo.

Durou este póla dois anos, sendo por fim o seu gróso calabre ou corda cedido aos frades capuchos para guindarem as pedras da construção do seu convento.

A fôrca foi levantada, também, no mesmo sitio, segundo determinação camarária, em 4 de Maio de 1729, da qual foi construtor o mestre pedreiro vimaranense, João Teixeira, depois da obra ser annunciada publicamente pelas ruas da cidade pelo pregoeiro municipal.

Tinha esta fôrca 13 palmos de altura e como remate uma pirâmide. Em 1836 ainda ali se ostentava o dito instrumento de suplicio, como se sabe pela decisão do tribunal judicial em 24 de Maio dêsse ano, contra um reu.

Esta medida tinha por fim castigar a gatuagem e outros criminosos que infestavam os subúrbios da cidade e muitas localidades mais ou menos próximas. Os jornais dessa época são abundantes em noticias dêsse género.

J. Mendes Ribeiro Junior

Rua de Santo António, 88-A

Telefone, 81.

GUIMARÃIS



Representações. Comissões. Consignações.

Matérias primas, anilinas e produtos químicos. Ferramentas e Acessórios para tôdas as Indústrias.

Máquinas de Fiação, Tecelagem, Acabamentos e Tinturaria.

Motores, Locomóveis e Caldeiras a Vapor

Carvão de todos os tipos.

Pneus.

Máquinas de escrever.

Seguros contra todos os riscos.

Agente da *"Lumiar,"*
(a lâmpada portuguesa)

Fábrica de Tecidos

da

Cruz de Pedra, L. da

Telefones { Guimarães 190
Porto 1906
Lisboa 29.114

GUIMARÃIS

Cutelarias, Silva-5

DE
GUIMARÃIS

Fundada em 1882 — A melhor cutelaria Nacional

Premiada com medalha de prata, medalhas de ouro e diplomas de honra em tôdas as Exposições a que tem concorrido

Fabricação especial de: Talheres finos, inoxidáveis, polidos e niquelados. Facas e cutelos para tôdas as aplicações. Lâminas para cabos de praça. Colheres inoxidáveis em todos os tamanhos.

(Prefiram os artigos inoxidáveis: não enferrujam nem mancham, não necessitam cuidar da sua conservação).

Exijam sempre qualquer destas marcas registadas:



Fábrica de Tecidos S. Miguel

— DE —

Aristeu,
Lopes &
Oliveira,
Limitada

Telefone N.º 23. GUIMARÃIS.

EMPRESA AUTO-RECOVEIRA VIMARANENSE

COM CAMIONETES DE ALUGUER PARA TRANSPORTES DE MERCADORIAS.

Especializada em mudanças

RUA 31 DE JANEIRO, 115

TELEFONE, 217

GUIMARÃIS

No PORTO:

Rua Duque de Loulé, 173

Telefone, 6379.

TINTURARIA

DE FRANCISCO JOSÉ FERREIRA, FILHO

26, Rua de Gil Vicente, 30

GUIMARÃIS

Tintos firmes em tôdas as côres e preto para todos os artigos.

Enviem-se encomendas contra reembolso para todos os pontos do País.

Garante-se todo o serviço.

Preços Económicos.

Casa das Soldaduras

DE

M. FARIA

GUIMARÃIS

Fabricam-se nesta casa fogões de cosinha, caldeiras, gradeamentos e fachadas de estabelecimentos, assim como toda a obra de construção civil e mecânica.

Especialista em soldas a autogénio.

Representante da Fundação e Serrelharia Mecânica de CARVALHO & IRMÃOS, Lt.ª — Negrelos.

A minha representada fabrica tôdas as máquinas de tecelagem como: urdideiras, encarretadeiras e caneleiros. Linhas e tambores de eixo. Fulões para as Fábricas de Couros, etc.

P. M. SOARES

ARMAZÉM DE PAPEIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Séde: Rua dos Mercadores, 64 — PORTO — Telefone, 2890

Depósito em Guimarães: Rua Val de Donas, 3

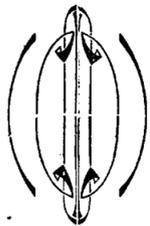
Nêste Depósito encontram os Snrs. Industriais e o Comércio em geral, desta laboriosa Cidade, um variado sortido em papeis de embalagem aos preços das Fábricas. Tomam-se encomendas de fabricos especiais de papeis em qualquer formato e côr, com garantia do melhor preço.

SERIEDADE ABSOLUTA.

Fábrica de Roldes

Caneiros--Guimarães

Telef. 99



Especialidade em Pelarias finas



Fábrica de Fiação e Tecidos da Caldeirão

de

J. Verdeira Guimarães & C.^a

Telefone, 16

Guimarães.



INTERNATO ACADÉMICO

Anexo ao

LICEU

MARTINS

SARMENTO

Instrução primária, Secundária, Cívica e Religiosa.

Colégio para alunos matriculados no Liceu instalado no mesmo edificio.

Pedir prospectos à Direcção

Matriculas até 15 de Agosto

TELEFONE, 139

GUIMARÃIS

BERNARDINO ALVES MARINHO — GUIMARÃIS

Fábrica de

Calçado



Exportação para o Continente e Ilhas.

Fábrica Manual de Calçado

José André & C.^a

Telefone, 1-6-8

GUI-MARÃIS



A mais bem localizada de Guimarães. Recomenda-se pelo seu esmerado tratamento. Magníficos quartos.

Pensão Comercial

Casa de banho com águas quente e fria. Campainhas eléctricas em todos os quartos. W. C. com autoclismo.

Proprietário: **JOÃO D'ARAÚJO**
PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 27--GUIMARÃIS

Hospedaria

Antiga

Pensão de Guimarães

de

Joaquim da Silva

A mais frequentada
A que melhor serve

19, TRAVESSA DE CAMÕES, 21

TELEFONE 121

GUIMARÃIS

Pinheiro & Oliveira, L.^{da}

R. da República, 48-1.º e 2.º

TELEFONE, 169

GUIMARÃIS

Fabricantes do calçado

LEÃO D'OURO

(Marca Registada)

Fornecedores das principais casas do continente, Ilhas e Ultramar.

ARMAZÉM DE TECIDOS DE ALGODÃO

(CASA FUNDADA EM 1873)

Bento dos Santos Costa & C.^a, L.^{da}

Únicos depositários das Fábricas de Fiação, Tecidos e Artefactos de Malha, de J. R. LOUREIRO & C.^a

Fábricas
Avenida Miguel Bombarda
Telef. - 193

Armazém e Escritório
Rua do Camões
Telef. { Armazém, 45
Escritório, 208

Telegramas: SANTOS COSTA.

GUIMARÃIS.

FÁBRICA DE RELÓGIOS ALMADA

Fabrico Nacional, sem receio de confronto com material estrangeiro.

E' o melhor melhoramento que V. Ex.^{as} podem adquirir para as suas localidades. O CARRILHÃO MONUMENTAL da Basílica de S. Pedro, de Guimarães, foi construído por

MANUEL FRANCISCO COUSINHA, com fábrica em Almada.

Para informações queiram dirigir-se à relojoaria de **Abílio Martins** — Guimarães.

OFICINA DE FOGOS DE ARTIFÍCIO

DE

Augusto Fernandes**Fogos do ar, prêso e aquático**

Fogos de bengala para festas populares de Santo António, S. João e S. Pedro, marchas luminosas, etc. — Execução perfeita de todos os fogos. Fornecedor de várias das primeiras romarias e festas do Norte — Premiado em vários festejos.

(Sande) - Caldas das Taipas

FÁBRICA DE CORTUMES

José

R

SOLAS E CABEDAIS

RUA DE COUROS

GUIMARÃIS

TELEFONE 131

Torcato**Ribeiro****Júnior**

R

José Maria Leite

FABRICANTE DE CORTUMES

GUIMARÃIS

Fabrico especial de Atanados e Vitela

R. de Vila Verde — Telefone n.º 42

Fábrica de papel de Fareja

de

Paulo Ribeiro da Silva

111

Cartão em tôdas as qualidades. Fornecedor dos principais armazens e fábricas desta praça.

PREÇOS MÓDICOS.

Escritório:

Telefone n.º 4

Largo 1.º de Maio, 27 | **GUIMARÃIS****António José d'Oliveira, F.ºs****FÁBRICA DE CORTUMES**

Atanados, Vitelas, Solas e Seleiro.

Rua de Vila Flôr • TELEFONE 37 • **GUIMARÃIS****Amadeu C. Penafort, L.ºa**

Representações
Comissões e
Consignações

Rua de Paio Galvão
(edifício próprio)

Telo { gramas: PENAFORT
fone: 102

GUIMARÃIS
(PORTUGAL)**Luiz Teixeira de Carvalho & Irmão**

Rua Trindade Coelho, 28 e 30
(Antiga Rua da Caldeirão)
Telefone n.º 176

Depósito de cal, cimento, gessos, telha tipo Marselha, tubos de grés, bacias, lavatórios, azulejos e mosaicos, louza, barreiros, tintas, óleos e vernizes, e todos os artigos pertencentes a caidador e pintor; enxofre, sulfato e vidros; cersite e carbonillo para a conservação de madeiras, aos menores preços.

GUIMARÃIS

Armazem de Mercadoria

de

Ribeiro & Martins, L.ºa

Rua da República

Torrefacção eléctrica. A única do comércio; experimentem os lotes especiais desta casa.

— Telefone, 125 —
GUIMARÃIS

Fábrica de Cortumes

DE

JOSÉ PINHEIRO GUIMARÃIS

(Antiga Fábrica do Cidade)

— Escritório: Residência: —
LARGO DO CIDADE • L. 28 de Maio, 89
TELEFONE 48

GUIMARÃIS
(PORTUGAL)**Auto-Garage Avenida**

DE

Domingos Alves Machado & C.º
Avenida Cândido Reis — Guimarães

Aluguer de carros — dos melhores e mais modernos existentes na Praça desta cidade, ultimamente adquiridos e conduzidos por pessoal honesto e competente.

Oficina de reparações — a maior, a melhor e mais acreditada de Guimarães. Fundição de toda a obra metalúrgica. Esmerado e perfeito serviço de soldagem a autogénio.

Venda de óleos e gasolina, aos melhores preços.

Brevemente, inauguração das novas instalações para recolha e lubrificação de carros, etc., etc.

◆◆◆◆◆
Hotel do Tournal

Telefone, 74

P. D. Afonso Henriques**GUIMARÃIS**

◆◆◆◆◆

J. B., FILHOS**Casa Cuecas**

(A melhor no género de Guimarães)

Esmerado serviço de cozinha, à lista.

||| Vinhos da Região escolhidos. |||
||| Comodidade, asseio, higiene. |||

◆◆◆

L. Conselheiro João Franco
GUIMARÃIS**O Poço da Morte**

Mário Galtarossa, que, de triunfo em triunfo por tôdas as terras por onde tem passado, conquistando a simpatia geral, está realizando no Largo da República do Brazil espectáculos no seu temerário Poço da Morte, emociona o público com o seu notabilíssimo trabalho de consagrado artista mundial, nos seus vôos de motociclete. Subindo e descendo o seu Poço — Mário, com perícia e arrôjo, impressiona vivamente o espectador, que admira os seus rasgos de audácia e absoluto desprezo da vida.

O público vimaranense tem aplaudido o simpático artista como justamente merece.

O óleo que o consagrado acrobata usa nas suas motocicletas, por lhe merecer as melhores garantias, é o "EAGLOIL", exclusivo da importante casa H. Vaulter & C.º, de que é representante nesta cidade a casa de Comissões e Representações "GOMES ALVES".